

# SUPLEMENTO LITERÁRIO



**P**rimeiramente, O SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS deve uma explicação ao seu leitor: o fato desta edição nº 1331, relativa a julho/agosto, estar vindo a público no mês de novembro, se deve exclusivamente a recomendação da legislação eleitoral. Para evitar que a periodicidade do jornal fosse prejudicada por essa norma, mantivemos a data correspondente ao número.

Retomando a normalidade, apresentamos o conto “Modesto”, inédito de Silviano Santiago, escritor e ensaísta que venceu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura – 2010 na categoria Conjunto da Obra. A prosa vem também representada com os contos de Lázaro Barreto e da jovem escritora paulista Mariana Portela.

Os ensaios são dos professores José Luiz Foureaux, sobre a obra de Embla Rhodes, e de Roniere Menezes, que visita a biblioteca mágica de Murilo Rubião. Poemas de Antônio Siúves, Ademir Assunção, Maurício Guilherme Silva Jr. e Ronaldo Bressane dão mostras da constante renovação da poesia brasileira, em companhia dos versos do nicaraguense Carlos Martínez Rivas, que se apresenta ao leitor brasileiro na tradução de Régis Gonçalves.

O desenho da capa é de Sérgio Nunes, artista plástico de renome nacional, que fez parte da nossa equipe de ilustradores nos anos 1980.

Por fim, o Suplemento Literário se sente na obrigação de se desculpar pelo equívoco cometido com Juliane Matarelli, que teve seu nome grafado erroneamente na nossa edição de maio/junho, e de informar que a Editora à qual ela está vinculada chama-se Lunaflor.

# SUPLEMENTO LITERÁRIO



Capa: Sérgio Nunes

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretário de Estado de Cultura**  
**Secretário Adjunto**  
**Superintendente do SLMG**  
**Assessor Editorial**  
**Projeto Gráfico e Direção de Arte**  
**Conselho Editorial**  
**Equipe de Apoio**  
**Estagiárias**  
**Jornalista Responsável**

Antonio Augusto Junho Anastasia  
Washington Mello  
Estevão Fiúza  
Jaime Prado Gouvêa  
Fabrício Marques  
Plínio Fernandes – Traço Leal  
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,  
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques  
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva  
Geizita Mendes, Marina Viana, Mariana Piastrelli  
Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

**Textos assinados são de  
responsabilidade dos autores**

**Suplemento Literário de Minas Gerais**  
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo  
30130-180 – Belo Horizonte, MG  
Fone/Fax: 31 3269 1141  
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)

# Modesto

Conto de Silviano Santiago

**A**inda desconheço a verdadeira razão para eu ter ido morar no apartamento da Rosa. Por carência afetiva. Apesar de correta e válida, a justificativa não pode ser declarada como o motivo real. Por apetite sexual não-satisfeito.

Em parte mentira. Em parte verdade: a carne fraca tinha decidido evitar as relações sexuais promíscuas, que se quintuplicavam na idade madura. Ao jogar na lata de lixo as parcerias acidentais, substituindo-as pelo companheirismo sob o mesmo teto, tornava-me cúmplice dos novos tempos castos.

Por medo das doenças sexualmente transmissíveis.

Carência afetiva e refúgio para o medo da morte prematura tampouco são a verdadeira razão para eu ter ido morar no apartamento da Rosa. A verdadeira razão para o acasalamento é consequência duma força sadia e covarde, que vem lá do fundo do coração. No passado, a força brotou algumas vezes nas minhas entranhas, ganhou fôlego e transbordou para a parceira e a vida cotidiana. O resultado final dos vários e passageiros envolvimentos amorosos só serviu para desorientar

o jovem suburbano careta e perturbar a vida do incauto homem solitário. Da noite para o dia, a parte lesada da alma foi à luta e fez de mim um adorável free lancer do sexo. Com meu alter ego, aprendi a trocar de mulheres. Dei-lhe adeus ao encontrar a Rosa.

A verdadeira razão para eu ter ido morar no apartamento da Rosa deveria ter sido o retorno na idade madura daquela força sadia e covarde,

enfraquecida pelos sucessivos fiascos. Não foi. Pensava que no caso de voltar a ficar com as mãos abanando, eu poderia sair moralmente fortalecido da separação, sem revigorar as antigas lesões sentimentais. Não a amava. De volta à casinha na baixada fluminense, eu estaria a vingar – e não a suportar de novo – os passa-foras recebidos no passado.

Já no apartamento da Rosa, com direito à cama, à sala e à cozinha, dei-me conta de que nunca seria amoroso o sinal distintivo do novo casal. Sem meias tintas, seria estritamente financeiro. Todas as despesas domésticas deveriam ser compartilhadas de maneira fraterna.

Éramos um casal feliz? Éramos. Dávamo-nos bem no bate-bola e no calor intenso da cama? Dávamo-nos. Não a amava, no entanto.

Assim pensava eu nos primeiros meses de companheirismo, quando tudo indicava que o sexo satisfatório para as partes seria a marca registrada da nossa convivência debaixo do mesmo teto.

Nove anos mais tarde, já não penso como antes. Um acontecimento inesperado, e virei outro.

Será que somos felizes no dia de hoje? Aparentemente, somos. Os preliminares e a transa? Virou um negócio complicado. A vida sexual caliente foi botada para escanteio e, na cama, as jogadas de ataque, defesa e contra-ataque perderam a intensidade e a chama que as coroava. Às vezes, não há desenlace feliz.

Quero saber é se passei a amar a Rosa depois do que aconteceu comigo no dia 20 de janeiro de 2009.

Acrescento que a mudança de localidade e de domicílio não foi conquista de alguma manobra esperta minha nem produto de trama armada pela conveniência. Estaria mentindo se dissesse que a malandragem do macho suburbano tinha bolado e posto em prática um plano para eu chegar ao almejado bem-estar doméstico, conjugal e profissional em bairro do centro carioca.

Em acerto de contas como este, solitário, consciente e silencioso, não é legal mentir diante do espelho. Vira corcunda quem dá e depois tira – minha falecida mãe asseverava.

De posse dos respectivos contracheques, seria fácil demonstrar que a desproporção no valor dos salários e comissões não justificava minha

mudança para o apartamento da Rosa. Eu ganhava um pouco mais. Na hora da fusão dos corpos, se tivéssemos buscado a harmonia financeira no caixa doméstico, era a companheira que deveria ter ido morar comigo na baixada fluminense. Não propôs nem foi. Aliás, ninguém propôs nada. As circunstâncias propiciaram a superação do impasse que, na verdade, não existiu, e lá fui eu morar no bairro da Lapa. De mala e cuia.

Mudei de domicílio num dezembro festivo do ano que abriu as portas para os próximos mil anos. Vida nova em janeiro de 2001. Começo de ano, novo milênio. Tranquei a sete chaves a casa que tinha herdado dos falecidos pais mineiros, localizada em Duque de Caxias. Sentia-me bem instalado no apartamento da Lapa.

Por ocasião da compra do imóvel, Rosa cobriu a parcela de entrada, pagando-a diretamente à construtora. Cobriu também a compra dos móveis da sala e do quarto e os utensílios de copa e cozinha. Os variados gastos iniciais tinham vindo de dinheiro da poupança – foi o que ela me informou quando fui apresentado ao apartamento. Um misterioso dinheiro de poupança.

Em meados do ano de 2001, quando o frio carioca batia à janela do apartamento, Rosa e eu fomos receptivos ao aceno duns bons cobres pelo aluguel da casa vazia em Caxias. Destranquei o cadeado do portão



da rua. Reabri as portas da frente e dos fundos e as muitas janelas. Arejei o ambiente a caminho do abandono e do pó, das baratas e dos ratos. Mandeí um moleque da vizinhança capinar o jardim e o terreiro. Com os móveis, o fogão e a geladeira antigos, mais os utensílios domésticos, aluguei a casinha para uma família cearense, recém-chegada à baixada fluminense.

Já então Rosa tinha sido promovida de caixa a supervisor do supermercado Mundial. Primeiro supervisor do sexo feminino na rede. O novo salário era mais polpudo que o anterior, mas não suficientemente polpudo para recheiar uma conta-poupança. Palavra de especialista.

Eu pagava o condomínio do apartamento de sala e um quarto, banheiro e cozinha, mas sem dependência de empregada, e as contas de luz, gás e telefone e a da televisão a cabo. Os celulares corriam por conta de cada um dos usuários. Ela quitava na Caixa Econômica a prestação mensal imobiliária e pagava o IPTU, e eu cobria todas as despesas de manutenção da cozinha. Com expertise, ela pilotava o fogão e os aparelhos eletrodomésticos. Servia-nos o café da manhã e o jantar. Cada macaco no seu trabalho, almoçávamos na rua. Nas colunas de crédito e débito em alimentação, elas por elas. Pelo menos, no que se referia à gororoba caseira. Se julgar que, como cozinheira, arrumadeira e lavadeira, ela

tinha direito a salário extra, passo a acreditar que a desproporção no valor dos contracheques não era tão chocante.

Aos sábados à noite, saíamos os dois para nos divertir. Aos domingos, acordávamos por volta das dez. Nem ela nem eu frequentávamos igreja. Às duas da tarde, saíamos para o ajantarado e jogar conversa fora. Sempre paguei o ingresso do cinema. Sessão das quatro ou das seis. Cedo na vida, a Rosa fora obrigada a dizer adeus à casa paterna e aos pampas gaúchos. Eu não alcançava o motivo. Feita a pergunta sobre a causa para a renúncia e a escapada para o Rio de Janeiro, ela a respondia pelas feições sombrias do rosto e o silêncio. Meus pais deixaram os parentes em Minas Gerais; o filho único, as amigas de infância e juventude em Duque de Caxias.

De segunda a sexta-feira o casal chegava exaurido em casa e, depois do banho e da janta, relaxávamo-nos assistindo aos programas de televisão. Rosa, a novela das oito. Era dela o aparelho até as dez horas. Também reivindicava o direito exclusivo de fazer comentários em torno da trama sentimental e sobre o modo de viver, vestir, pentear e maquilar dos artistas – moças, rapazes e idosos, nessa ordem. Não descobria se ela emprestava duplo sentido maldoso a algumas expressões e modismos e se certas palavras eram indiretas para mim. Confiar desconfiando, eis

meu lema de então. Minha cisma fincava o pé no orçamento doméstico partilhado e no seu sorriso de Mona Lisa, de olhos fixos e desapegados, tomados pela imagem da televisão.

Ao deixar a sala, ela me passava o controle remoto do aparelho. Ia ao banheiro e, pouco depois, se recolhia ao quarto de dormir. A partir das dez, eu assistia sozinho ao jogo de futebol ou a algum programa esportivo.

Reencontrávamo-nos deitados. Sem pijama e sem camisola, pelados – tornou-se hábito o costume iniciado em janeiro, auge do verão carioca. Ela já menos tensa e eu mais afoito (nunca fui desportista, mas imagens de futebol na telinha me excitam sexualmente). Dávamos início ao embate de todas as noites. O despertador nos acordava às seis e meia. Eu era o segundo a me levantar. Quando punha os pés na cozinha, banhado, barbeado e vestido, estava posta a mesa com o café da manhã.

Quando íamos ao pé-de-chinelo da esquina ou a algum restaurante da Cinelândia, ela cobria as despesas com a bebida: os sucessivos chopes que eu tomava e os poucos que ela bebericava. Esvaziado o copo meu, o garçom trazia o seguinte. Eu pagava os belisquetes, os pratos escolhidos no cardápio ou a pizza. Marguerita – preferia ela. Portuguesa – queria eu. Pedíamos mezzo a mezzo ao pizzaiolo. Os valores desiguais nos respectivos contracheques eram contrabalançados pela diferença entre o preço da bebida alcoólica e o da comida, e anunciavam o retorno da paridade financeira.

Saia e blusa, calcinha, meias, sapato, sutiã, bijuteria, produtos de beleza, etc. – ela pagava o que vestia, calçava ou usava. Eu pagava terno, camisa, gravata e cueca, mais os sapatos e meias. Ela se responsabilizava pelos produtos de limpeza da casa, incluindo os da cozinha. Comprava-os a preço de mão beijada no supermercado, onde trabalhava. Eu trazia da drogaria os produtos de limpeza pessoal: sabonete, xampu, loção hidratante, papel higiênico, lenço de papel, etc.

Nos respectivos aniversários e por ocasião do Natal, trocávamos os papéis. Eu presenteava minha companheira com bijuteria do seu agrado, enquanto ela me oferecia um frasco de colônia francesa. Eu deveria comemorar com elegância a data festiva. A imaginação na escolha de presente nunca foi o nosso forte. Há dois anos, por ocasião do Natal, dei-lhe de lembrança um aparelho de televisão LCD Semp-Toshiba, de 42 polegadas. Em bom estado, o velho foi parar nas mãos do porteiro do prédio.

Tínhamos um ajuste financeiro bem adequado à condição das partes. Constatar essa realidade não significa que a forma de aliança encontrada pelo casal teria sido a razão para eu juntar meus trapinhos na baixada fluminense em dezembro de 2000 e os transportar de táxi para o bairro da Lapa, com a finalidade de somá-los aos dela. Desde o início do namoro, a casa de meus falecidos pais esteve fora de cogitação. Ficava longe do nosso local de trabalho. Nos meios de transporte coletivos, desconfortáveis e superlotados, perderíamos horas preciosas de sono ou de descanso, e não sei se os respectivos padrões assumiriam os gastos no custo do transporte diário.

Quando nos conhecemos, ela trabalhava e morava na própria Lapa. Eu tinha sido transferido da Tijuca para a Glória.

Eu não era gerente nem caixa da agência do Bradesco, na Glória. Era o funcionário lá dos fundos. Ficava por detrás de portas fechadas, sem exposição ao olhar e à curiosidade dos clientes. Era o cara que, sem alvoroço nem presunção, descobria e recobria as cagadas dos caixas distraídos e dos gerentes encantadores – as verdadeiras estrelas de toda e qualquer agência bancária. Não punha os olhos em dinheiro vivo, mas não havia documento de caixa ou de gerente que não passasse pelas minhas mãos. Terminado o expediente externo da agência, ficava empilhada na minha escrivaninha a infundável papelada relativa aos atendimentos do dia. Portas da rua cerradas pelo segurança, eu virava rei sem reino.

A informatização do serviço bancário suavizou meu trabalho, não há dúvida. Quando leio que o acidente aéreo foi causado por falha humana, não duvido. Acredito piamente nas palavras do jornal. Caixa humano erra mais que caixa eletrônico – é o ex-chefe contábil da agência do Bradesco quem lhes assegura. Em matéria de correção financeira, o ser humano – homem ou mulher, jovem ou avançado na idade – é menos competente que a máquina. E é também mais vigarista. Quem é que forja assinatura falsa em cheque? Quem é que, com cartão de crédito clonado, força o caixa eletrônico ou alguma loja a cometer falcatrua? Quem é que, à luz do dia, invade uma agência bancária com metralhadora UZI, fere os seguranças, agride os clientes e os funcionários e faz uma limpa geral?

Jovem, tive formação profissional em contabilidade. Aperfeiçoei e atualizei meus conhecimentos precários em sucessivos cursinhos técnicos que o banco oferece aos servidores e financia. Funcionários eram selecionados nos vários estados da união e despachados para São Paulo. Não era prêmio, era reconhecimento. A direção do banco apostava na gente para atualizar, uniformizar e otimizar a rotina bancária. O Bradesco pagava hotel três estrelas na Vila Madalena e as refeições. Dois em cada quarto. Homem com homem. Mulher com mulher. Conheci gente de todo o Brasil.

Passávamos três dias avivados pelas intrigas e a competição profissional, temperados pela boataria e recheados de alguma alegria na hora das comemorações. Ficávamos trancados o dia inteiro no salão de reuniões do próprio hotel, saíamos ao final do jantar em comum e, antes da meia-noite, nos recolhíamos aos respectivos quartos. Não havia como abusar nas baladas paulistas. A manhã seguinte nos esperava com as exigências das preleções técnicas sobre contabilidade e informatização, umas depois das outras.

Muita camaradagem e muita simpatia, muita angústia e muita inveja, alguma risada e pouco divertimento. Invisível e eficiente, um letreiro em neon aconselhava cautela em matéria de namoro e de transa. Perigaria a carteira de trabalho assinada.

Ao final dos três dias de estágio, cada um tomava o avião de volta à agência.

Terminado o penúltimo cursinho de aperfeiçoamento, recebi carta do escritório central do banco. Eu estava sendo transferido para uma agência da rua da Lapa, na Glória. Depois de seis anos de trabalho em Duque de Caxias, saíra para oito anos de serviço num bairro da zona norte do Rio de Janeiro. De repente, me atiravam para um bairro não tão nobre da zona central carioca, mas alegre e divertido. Eu progredia a passo de cágado e a casinha de Duque de Caxias se distanciava do local de trabalho a passadas de maratonista.

A clientela da agência era composta por comerciantes da região e funcionários públicos do estado e do município. Eles pouco tinham a ver com as multinacionais endinheiradas do centro e com a gente chique da zona sul. Nosso melhor cliente tinha sido a Manchete, agora era o Hotel Glória.

No mês de dezembro de 1999, às vésperas das festas do final de ano, o pessoal da agência foi se confraternizar no restaurante Nova Capela. Rosa estava sentada na mesa dos funcionários graduados do supermercado Mundial. Nosso primeiro encontro se deu numa trombada. A necessidade fisiológica nos predispôs à cumplicidade íntima e espocou no recanto reservado do restaurante. Fomos um de encontro ao outro à entrada da porta dos banheiros. Pedi desculpas e ela também. Pretextamos distração para não pretextar os copos de chope a mais. Era como se tivéssemos sido surpreendidos em flagrante delito. Faltaram o PM e as algemas. Provi-denciei-os, tão logo voltei a tomar assento ao lado dos colegas do banco.

Dei-me conta. Sentávamo-nos um em frente ao outro, mas em mesas distantes. Forcei a troca de olhares. Não é fácil para um homem de meia-idade abordar e cortejar uma mulher de meia-idade. O jovem senhor parece compromissado e também a jovem senhora. Pele macilenta, rugas e cabelo branco ou tingido, roupa domingueira de trabalho e falsa familiaridade na roda de colegas conspiram a favor do sinal de alerta, que pisca-pisca no ambiente.

Perigo! Adultério à vista.

Teria chegada a hora de tirar a sorte grande do casamento?

Dada a circunstância engraçada do primeiro encontro, permitia-se toda e qualquer besteira em público. Já livres dos talheres, minhas mãos se comprometiam com o copo de chope e os brindes de Feliz Natal e Próspero Ano Novo. Tornaram-se levianas e caricatas. Eu levantava a mão direita, abaixava a esquerda. Nada de aliança – ela podia ver de lá. Levantava a esquerda, abaixava a direita. Nada de aliança. Em sua mesa, ela também exagerava no gestual de fraternidade natalina. Eu podia ver de cá – nada de aliança. Parecíamos os dois miquinhos amestrados do homem sisudo do realejo. Um trepado no ombro esquerdo e o outro no ombro direito, os dois miquinhos passaram o resto da noite a trocar olhares cúmplices. Ambos falantes, engraçados e atrevidos. Dávamos a maior bandeira.

Decidi meter a mão na cumbuca do homem do realejo e me arriscar no presente-de-amigo-oculto chamado audácia.

Levantei-me de novo e caminhei até a mesa vizinha. Ao reencontrá-la por vontade própria, desejei-lhe os votos de Boas Festas, mas na verdade estava é me apresentando. Ela entendeu a cantada em nada sutil. Estendeu-me a mão e retribuiu os votos. Passei-lhe meu cartão de visitas, como se passa a um cliente do banco o nome dado pelos pais na pia batismal.

Ela me telefonou. De telefone comercial para telefone comercial. Apresentou-se. Não sabia seu nome nem onde trabalhava, fiquei sabendo. Marcamos encontro à porta do cine Palácio, no Passeio Público. Não quis lhe dizer que morava em Duque de Caxias. Se a noitada se alongasse, pernoitaria numa pensão da Lapa. Não teria sido a primeira vez.

Afinidades nos foram acasalando por todo o ano de 2000. Sem fazer esforço, ela se espelhava em mim e, com a maior naturalidade, eu me espelhava nela. Rosa dizia uma frase, e era como se ela repetisse frase minha. Eu dizia uma frase, e era como se eu repetisse frase tirada da sua boca.

De uma parte e da outra, não havia a ansiedade da escuta, o lento processo de assimilação de personalidades diferentes e menos ainda o empenho reclamado pela reflexão. Simplesmente, conversávamos. Trocávamos ideias, falando o mesmo idioma e as mesmas frases. Discorriamos sobre o tempo, os vizinhos, os ossos do ofício, os interesses e manias cotidianas, os sentimentos e fobias pessoais. Compartilhadas a priori, pequenas sensações e grandes emoções se sucediam e se somavam. Geravam observações lúcidas, ferinas ou zombeteiras sobre os colegas de trabalho. Éramos terríveis com eles e com elas.

Discordávamos em matéria de paladar. Ela preferia comida sem-sal, com tempero neutro, já eu, refestelava-me com ketchup, mostarda e picantes de toda espécie. Molho Tabasco importado era presença obrigatória na mesa de jantar caseira. Nos botecos e pizzarias, pote ou vidro com pimenta malagueta.

Em retrospecto, descubro que a palavra também é a verdadeira razão para eu ter ido morar no apartamento da Rosa. Durante o longo namoro foi a palavra mais empregada pelos dois. Também repetia o encontro acidental à porta dos banheiros e emparelhava os corpos e os juntava na mesma moradia.

Em comum, tínhamos ainda o sentido duma imperiosa necessidade pessoal e profissional – a de recusar a dar continuidade a um mundo

depois, peça após peça, remontá-lo com cuidado, perícia e precisão. O defeito poderia ter sido causado por um invisível e abusivo grão de poeira, por intromissão da ferrugem corrosiva, ou pelo rompimento da corda, pouco importa. O importante é botar o dedo humano e profissional no que emperra os eixos rotativos da máquina e atravanca o inalterável caminhar circular e tranquilo, em sincronia, dos ponteiros dos minutos e das horas. Não importa a dimensão real do defeito. Qualquer defeito é defeito e tem de ser consertado com destreza.

(Herança do sonho recôndito: só entendo o que acontece depois de ter esmiuçado o fato acontecido.)

Na circulação da vida cotidiana, qualquer forma de distúrbio vira engarrafamento e degenera em tumulto, violência e desperdício de energia. Trabalhamos em dobro quando, se cada um fizesse com correção o que deve fazer, trabalharíamos pela metade. Saber economizar o tempo e o dinheiro é o principal fator do progresso pessoal e coletivo. Nas agências bancárias por que passei, desde cedo os patrões me investiram da função de fiscal de trânsito do dinheiro. A mágica das finanças é a de acordar acabamento perfeito a cada detalhe duma transação bancária, comercial ou industrial. Nós, técnicos contábeis, existimos para que se evitem os grandes e pequenos cochilos dos modestos e dos poderosos funcionários da instituição, cochilos passíveis de ganharem a proporção do incêndio que estorvaria o fluxo livre e aleatório do capital.

Apesar da Rosa e eu termos como matéria-prima o dinheiro alheio, nosso dia-a-dia não era em nada diferente do dia-a-dia do pintor de paredes com a brocha, do carpinteiro com o formão, do lustrador de móveis com a estopa, do garçom com a bandeja ou do menino de rua que, para fugir da malandragem, vira engraxate. Se algum dia existir uma forma explícita de fraternidade universal, é porque sua raiz tinha germinado no solo igualitário das profissões, por mais humildes ou soberbas que sejam.

Nosso primeiro beijo não foi motivado pelo amor, ou seja, pela força estranha e covarde

que aniquila a vida da gente. As coincidências no modo de agir e de pensar deram o pontapé inicial no jogo da vida sentimental da Rosa e de Modesto. As sucessivas coincidências aperfeiçoaram almas aparentemente adversárias e as conduziram à integração harmoniosa no campo de futebol da vida.

Não falo dum sistema de coincidências programado por divindade superior à vontade humana que, à medida que o tempo caminha, vai acrescentando sentido, por exemplo, a uma trombada acidental de homem e mulher à entrada dos banheiros do restaurante Nova Capela. No bom encaminhamento das vidas, não me refiro, pois, ao papel de Deus, de Jesus ou de algum santo de nossa devoção. Cairia em contradição. Falo

## Sem fazer esforço, ela se espelhava em mim e, com a maior naturalidade, eu me espelhava nela.

que nos era entregue de maneira desorganizada e avacalhada. Graças às nossas mãos, cada coisa saía à cata do seu lugar. Cada minuto, da sua hora. Cada dia, do seu mês. Cada ser humano, do seu par. Cada par, da sua coletividade. Cada estabelecimento comercial, industrial ou bancário, da sua função social. O mundo ofertado ao casal estava à espera dum relógio de ponto. Ser exemplar é bater o ponto na hora certa. No simples gesto matinal residia o modelo para toda e qualquer ação durante o correr do dia.

Na manhã em que alinhavo estas linhas, confesso meu sonho recôndito. Recomeçar do zero a vida profissional – ser aprendiz de relojoeiro. Peça por peça, desmontar um delicado mecanismo defeituoso, para

do sentido dado à vida pelo homem e pela mulher no próprio local de moradia e de trabalho. Falo do sentido que é dado por vinte e quatro horas de competição suada, travada trezentos e sessenta e cinco vezes por ano.

Estrilado o apito do namoro, cada jogador ataca, defende, dribla, cai no chão, se machuca, entrega o ouro ao bandido, levanta, reganha a jogada, passa a bola, cabeceia, sem deixar de sempre visar o gol do adversário.

Nossa vida a dois foi concebida e construída por um sistema de coincidências felizes. Você liga a televisão, escolhe o canal, e está sendo exibido o programa que você esperava e a que quer assistir. Empate no placar final. Não há vencedor, não há vencido. Zero a zero. Um a um.

Lado a lado, as boas vibrações do namoro nos conduziram por uma rua larga e de mão única. Garantiram-nos que estávamos bem antenados com a vida sadia, o trabalho e o progresso do país. À medida que íamos colocando no lugar certo o que se apresentava como solitário no relacionamento interpessoal, ou como solto no trabalho, descobríamos que o planejamento em separado do nosso futuro tinha de sofrer uma mudança urgente.

Dia 20 de janeiro de 2009. Feriado municipal. Dia de S. Sebastião, santo padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

Local: rua Sílvio Romero, quase esquina da rua do Riachuelo.  
Horário: onze horas e vinte e três minutos da manhã.

Os jornais da cidade e do país fizeram a cobertura do acontecimento, alguns deram o fato ocorrido na Lapa como manchete do dia. Em cadeia nacional, o Jornal da televisão Globo abriu espaço para a notícia vinda do Rio de Janeiro.

Em pleno verão, o feriado municipal convidava multidões aos prazeres das praias da zona sul. Levava grupos de vizinhos e de amigos à pelada fraterna nos campos dos subúrbios. E permitia a alguns gatos pingados, soltos na imensidão vazia do centro da cidade, a conversa descompromissada no boteco da esquina. Eu não era o único cliente do bar a querer desfrutar da manhã azul, ensolarada e calorenta de terça-feira. Todos nós nos embriagávamos ao ritmo em nada convulsivo da cerveja. Mastigávamos – e nos empanturrávamos com – churrasquinhos, manjubinhas fritas, pedacinhos de queijo de coalho grelhado, pastéis, quibes e empadinhas. Todos nós, se não gritávamos ou cantávamos, falávamos pelos cotovelos.

Numa das mesas, a cadência do pandeiro e as cordas do violão acompanhavam as vozes ritmadas e amorosas de alguns mulatos, afinadas pelo sangue e o hábito de cantar junto.

Rosa, a moça dos pagos gaúchos, se emocionava e se regozijava com a felicidade momentânea, tipicamente carioca. Em núpcias com o feriado, era presa do visgo da boa sorte na vida sentimental e no trabalho.

De repente, quem sorteou meu nome? Que amigo-oculto me enviava pelos ares um presente inesperado e tardio?

Por que foi o meu o nome retirado da cumbuca do homem sisudo do realejo? Não éramos todos ali sentados no bar irmãos na vontade de nos

alegrarmos ao sol da manhã do feriado municipal, a beber uma cerveja estupidamente gelada e a escutar um samba dolente?

Que amigo-oculto sorteou meu nome e traçou o percurso pelos ares e o destino da bala perdida? Não teria sido possível sortear ou inventar alvo melhor para a bala de revólver que atingiu as costas do corpo sentado – o meu – naquele bar da Lapa?

A bala perdida me atingiu na nuca, e o efeito corrosivo tomou conta dos nervos, musculatura, veias, artérias e órgãos do corpo. Minha vida tranquila e o relacionamento solidário com a Rosa foram ceifados por uma coincidência absurda.

Ao cair da cadeira do bar e perder os sentidos, o corpo perdia o sentido da vida.

Melhor não tivesse fechado e reaberto a casa dos falecidos pais. Melhor não a tivesse arejado e alugado. Melhor não tivesse mudado para o apartamento da minha namorada. Melhor não tivesse encontrado na Lapa o lugar certo para a vida de antigo solteiro empedernido. Melhor tivesse trombado à porta de motel de alta rotatividade com a doença e a morte, causadas pela vida sexual promíscua.

Aqui estou, sentado nesta cadeira de rodas, como prova viva do engano que cometi há nove anos.

Poderia ter morrido na ambulância que me transportou da casa de saúde na Lapa ao Hospital S. Lucas, em Copacabana. Poderia ter morrido na mesa de operação, enquanto extraíam a bala alojada na minha nuca. Poderia ter morrido no CTI. Poderia ter-me suicidado no auge da crise de depressão, que estava à minha espera ao sair do coma induzido.

Não morri nem me suicidei. Fiquei paraplégico, vivendo à mercê da generosidade financeira e do carinho amoroso da Rosa. Quando me mudei de mala e cuia para seu apartamento na Lapa, não a amava.

#### SILVIANO SANTIAGO

Mineiro de Formiga, foi o vencedor do Concurso Governo de Minas Gerais de Literatura 2010, na categoria Conjunto da Obra. Seu conto “Modesto”, inédito, integra o novo livro *Anônimos*, a ser lançado pela Editora Rocco.

# Quem escreve nunca alcança

Ilustrações de  
Sebastião Miguel

Antônio Siúves

- 1 Escrever é porejar doeres.
- 2 Quem escreve nunca alcança. Procura e não acha; quando acha, passa. Quem escreve, escreve, é bem sabido, para preencher o oco do oco de entre(estre)linhas. Melhor era pescar no ribeirão ou cortar lenha para o jantar. Mas, veja-se, quando escrevo pescar no ribeirão e cortar lenha para o jantar, obrigo-me a refletir que não há mais ribeirão, não há mais peixe, não há mais fogão nem mata há. Logo, furo a batida metafórica pela saúde do artesanato – o bom fado de quem sabe confeccionar com as mão algo relevante, mesa, cadeira, carretilha.
- 3 Quem escreve nunca alcança. Não é a glória nem a posteridade nem o poder nem a fama.
- 4 Quem escreve quer ser lido e quem não é lido não deixa de escrever, pois se deixa, alcança menos. Quem publica e não é lido e quem publica e é mais-vendido nunca alcançam.
- 5 Quem escreve menospreza os sentidos ou vive as sensações no sentido translato, em sua capa vicária.
- 6 Quem escreve nunca alcança e se cansa, mas escreve; se não escreve, padece do não escrever, um padecer pior.
- 7 Melhor que escrever é tirar leite, pastorear ou, como disse o Raduam, o cheiro do alho frito no azeite vale mais que qualquer romance. Tem razão esse autor. Pena, não tem razão esse autor.
- 8 Quem escreve às vezes fosforesce.
- 9 Quem escreve às vezes dança.
- 10 Quem escreve às vezes vê. Mas quem escreve nunca alcança.



# Retrato

*Para Vania Luft, musa e mito*

Homem-carro acelera contra o dia  
e o sorvedouro da luz engolfa  
outra esperança tardia.

A cidade oca expulsa os mortos –  
os vivos – seres tortos –  
padecem dessa ausência.

A luz suave – carícia não havida –  
em cada ponto é defletida  
no fundo da esfera onde a cidade repousa –  
e para na fotografia.

# Foto

Homens-carro  
aceleram cedo  
contra o sol –  
rasgam a cidade.

O calor residual  
derrete a cera  
do cartão-postal.



# Obra de Amílcar

cidade suma – sumário seccionado –  
ferro ruído de ar exsuda seu óxido –  
pele dura cansada, provisória,  
à poeira sedenta –  
calafate de poros  
a sufocar a gente ocre daqui

## Na ala branca

quinta-feira –  
na ala branca da avenida –  
perto do jornal-anátoma – revejo o  
ambulante que não sabe o salmo de cor  
e treina o sonho do pastor com plantel,  
ao ler ao sol uma pequena bíblia de hotel —

agora

o homem negro clama contra a sede do mundo,  
rente às sombras dos ônibus que vão e vêm —

o pastor suposto – que nome tem?

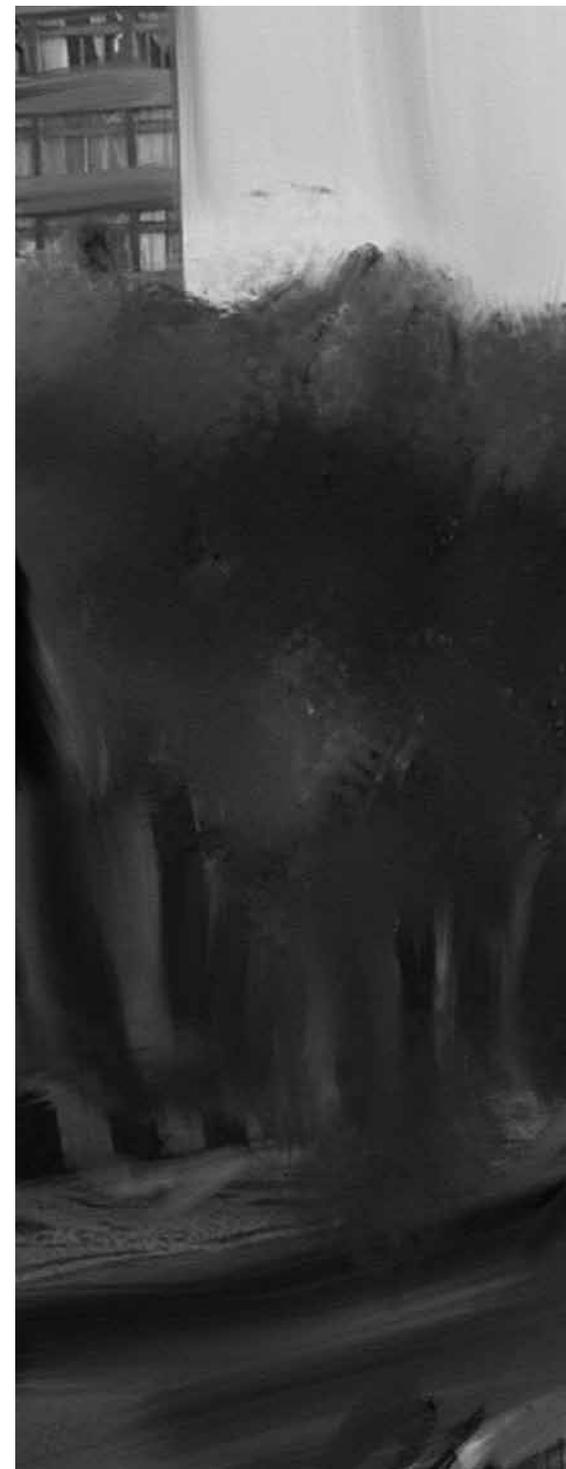
## Segunda feira

Olhar nos olhos da  
segunda e notar a farsa  
do fluxo e refluxo.

Arrastar-se ao escritório,  
balcão ou oficina e  
pensar no sábado seguinte  
como campo de morte

onde descansará em paz.  
Então, vivinho, saberá,  
– é iniludível –  
que o tempo escorre; os

dias de mar e manhã  
dourados encontraram  
o pântano da saudade.





Na tarde novinha em folha, depois da sesta, o mundo demora. O sol ouve o que toca no carro.  
Em sintonia com outra vontade, descola prédio, tijolo, tinta, cimento, árvore, asfalto e gente para  
um arco paralelo. No vão desse instante não sou. Alhures, quedo no fundo dum sonho d'antes.

**ANTÔNIO SÍUVES**

É jornalista e poeta bissexto. Vive em Belo Horizonte. A seleção aqui apresentada integra o inédito *Quem Escreve Nunca Alcança*, uma alvenaria de bytes encubada à espera da implausível co-autoria de um editor insano.

MURRILO  
RUBIÃO  
BIBLIOTECA  
MAGICA

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio*)

Roniere Menezes

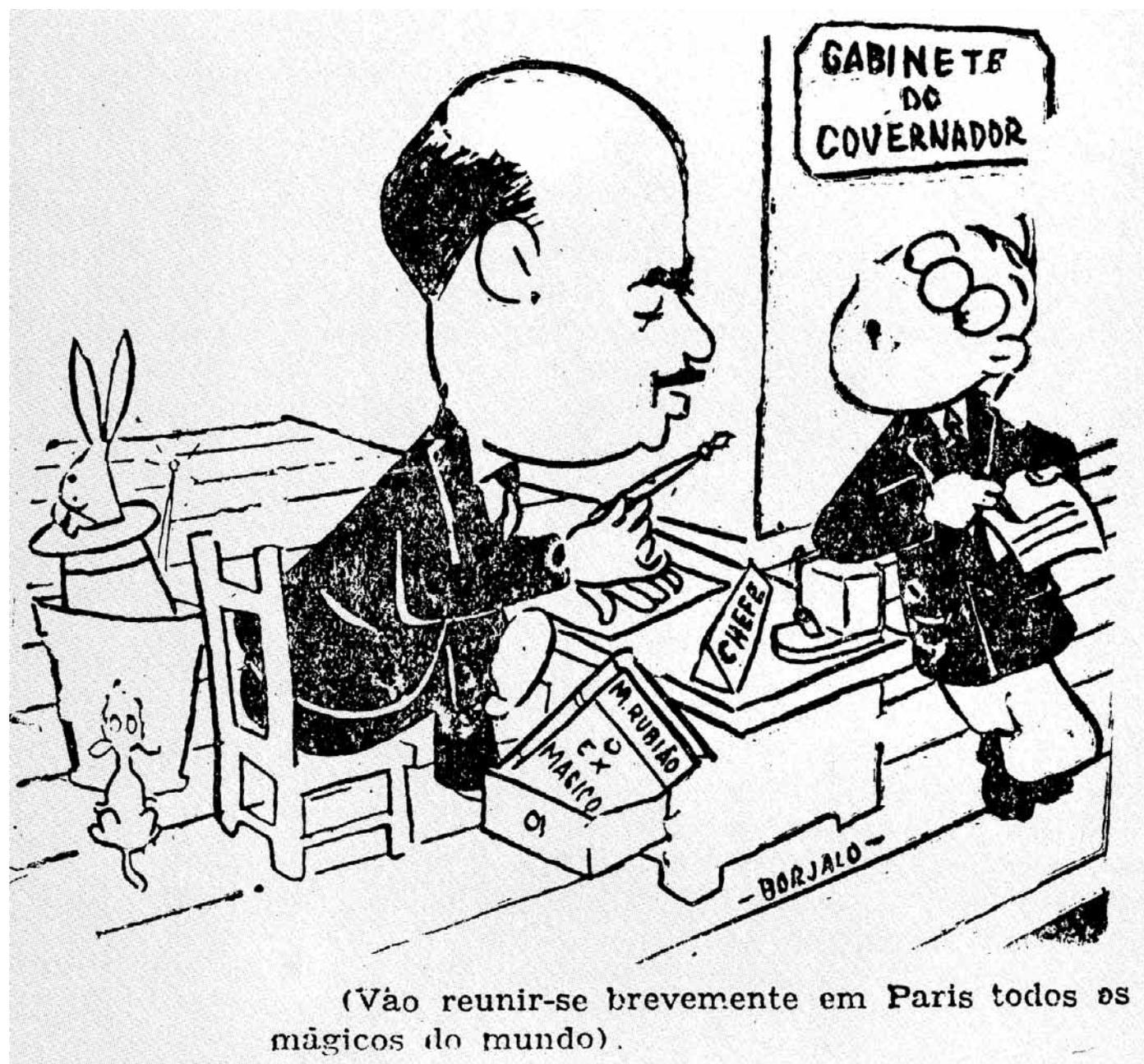
Um excelente espaço para se conhecer melhor a recepção crítica de Murilo Rubião é o Acervo de Escritores Mineiros, sediado na Biblioteca Central da UFMG. Os acervos – agora abertos a públicos maiores, com suas presenças virtuais na internet – dizem respeito a lugares que podem impulsionar os pesquisadores a novas descobertas. O site [www.murilorubiao.com.br](http://www.murilorubiao.com.br) é uma mostra digital da babélica biblioteca pessoal de Murilo, que, além de centenas de documentos, cartas, fotos, textos de entrevistas e ensaios críticos, guarda objetos pessoais, quadros, móveis de seu escritório de trabalho e cerca de 4.000 livros.

Neste ensaio esboçaremos uma pequena biografia literária do escritor mineiro, utilizando-nos de trechos de algumas cartas e de uma crônica jornalística cuidadosamente guardadas por Murilo e que, agora, saem das gavetas do armário de aço para contarem um pouco da vida do autor.

Por meio das cartas e dos demais textos presentes no acervo, conhecemos melhor não só o escritor, nascido em Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas, no dia 1º de julho de 1916, mas também aspectos fundamentais da arte e da cultura mineira e brasileira do século XX. As várias instituições em que Murilo trabalhou, na maioria das vezes chefiando ou dirigindo, podem também ter suas histórias recontadas a partir do acervo particular do escritor. Há um amplo material (fotografias, documentos, recortes de jornais da época, cartas) sobre a Rádio Inconfidência, a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), o governo JK, o Conselho Estadual de Cultura, a Escola Guignard e sobre o 1º e o 2º Congresso Brasileiro de Escritores. Mas o volume maior dos documentos presentes no acervo refere-se ao *Suplemento Literário*. Além de uma coleção com todos os exemplares do primeiro volume, até 1991, ano da morte do escritor, há uma grande correspondência com escritores, poetas, críticos literários consolidados e novos autores em busca de espaço para publicação.

O extremo cuidado de Murilo com a organização de seu arquivo demonstra, por exemplo, em relação à classificação das pastas com as correspondências recebidas de seu círculo de amizade, a peculiar classificação: “amigo”, “muito amigo”, “velho amigo”, “bom amigo”, etc. Notamos aí, ao mesmo tempo, a busca de um rigor arquivístico e uma ironia sorrateira que acaba por evidenciar a fadiga e a insensatez do trabalho dos inventariadores. Vale lembrar, nesse sentido, o interesse do contista em recortar e guardar qualquer referência a ele – mesmo as mais triviais – que fosse publicada em jornais e revistas. Tentativa de legar ao futuro um perfil biográfico elaborado a partir de fragmentos dispersos, sem se desprezar os rastros banais do cotidiano.

Charge de Borjalo publicada  
no especial *Murilo Rubião*  
*Construtor do Absurdo* – 1991



**REPÓRTER:** — O sr. também vai?

**MURILO RUBIÃO:** — Não, meu caro. Sou apenas “ex-mágico”...

A grande rede hipertextual trançada por Murilo Rubião diz muito de seu caráter de homem público, amigo de críticos, escritores e poetas representantes das mais diversas gerações e correntes artístico-intelectuais. Mário de Andrade, ao ler alguns dos originais do escritor, em 16 de junho de 1943, assim comentava: “(...) o mais estranho é o seu dom forte de impor o caso irreal. O mesmo dom de um Kafka: a gente não se preocupa mais, e preso pelo conto, vai lendo e aceitando o irreal como se fosse real, sem nenhuma reação a mais.” Já em 27 de dezembro de 1943, Mário diz, em nova carta a Murilo: “(...) eu fico sempre numa enorme dificuldade de dar opinião pra esse gênero de criação em prosa a que estou denominando aqui de baseada no princípio da fantasia. O próprio Kafka, confesso a você que frequentemente me deixa numa insatisfação danada”.

Esses dois fragmentos tornam-se interessantes para se pensar sobre a recepção crítica de Murilo pois as cartas, em forma de correspondência privada entre amigos, já demonstram características que iriam marcar os futuros estudos sobre Rubião, como por exemplo a comparação com Kafka e a dificuldade de compreensão do novo gênero que o escritor mineiro inaugurava, enquanto conjunto de textos, na literatura brasileira – o fantástico.

O crítico Antonio Candido irá refazer suas primeiras impressões sobre Murilo e em carta ao escritor, data de 25 de fevereiro de 1967, escreve: “li *Os Dragões*, com o grande prazer de reencontrar quase todo O *Ex-Mágico* e mais algumas excelentes novidades. (...) lendo há anos de distância da primeira experiência de leitura, fiquei admirado, sobretudo, com o caráter precursor de muitos aspectos que não conhecíamos então, ou que só depois apareceram na literatura”.

Murilo recebe uma carta de Carlos Drummond de Andrade, do Rio de Janeiro, com a data de 9 de novembro de 1947, parabenizando-o pelo lançamento e fazendo, numa simples correspondência, comentários profundamente lúcidos sobre a obra do contista: “O *Ex-Mágico* é uma delícia. (...) E por mais absurdas que sejam as novas relações estabelecidas por V. entre as coisas e o homem, a verdade é que elas não são mais absurdas do que as condições de vida normal, controlada pela razão”.

As correspondências também trazem discussões filosóficas sobre a existência, a vida e a morte, sobre a fundamental presença da amizade nos momentos difíceis. Em carta de 7 de março de 1949, Fernando Sabino escreve, do Rio de Janeiro, ao amigo que vivia em Belo Horizonte. Na época, Murilo estava bastante deprimido pela morte do pai. O pai de Sabino também havia morrido pouco tempo antes. Daí a forte interação entre os dois, nessa reflexão ao mesmo tempo trágica e terna sobre os absurdos da existência:

Hoje está fazendo cinco meses que meu pai morreu. Um pai é uma perda que o tempo faz aumentar – eis alguma coisa que o tempo está me ensinando. E que você também vai aprender. E o bem que o pai nos faz se prolonga além do tempo e da morte – a própria morte vem a ser para nós mais um gesto de carinho, o último, o permanente ensinamento – um pai que morre nos ensina a morrer. Esta a lição que nos fica, como uma herança, para ser vivida até que chegue a nossa vez. Você não sentiu que finalmente se tornou em homem, que finalmente cortou a última corrente que o prendia à infância como um escravo, para poder recuperá-la em liberdade? (...) Um pai que morre é a permanência do amor no filho, é uma esperança além da morte.

Se a ordem do acervo nos possibilita retratos tristonhos da vida privada, também pode nos revelar registros pitorescos da vida belo-horizontina. É o que podemos ver em uma crônica escrita pela jornalista e futura professora da Faculdade de Letras da UFMG, Maria Luiza Ramos, no Diário de Minas, em 7 de outubro de 1951. Texto que recebe o título de “A ‘Academia’ da Liberdade”. Maria Luiza critica a construção inacabada do Palácio das Artes e, em seguida, fala sobre o fato de JK ter se tomado de amores pelas belas letras, cercandose, de forma “útil” de intelectuais mineiros, o que seria fato inédito em Minas:

O palácio da Liberdade tomou ares de academia (...)

Quando, há pouco, fui ao palácio, querendo falar com o Chefe de Gabinete do Governador (...) e encontrei o Murilo Rubião numa salinha apertada e entulhada de calhamaços de processos, confesso que tive pena. Fiquei procurando naquele homem que falava em dois telefonemas ao mesmo tempo, dando ordens e assinando papéis, o Murilo artista que escrevia os contos mais malucos que se possa imaginar.

Sim, porque o atual chefe de gabinete é escritor premiado pela Academia Brasileira de Letras pelo seu livro de contos “O ex-mágico”, publicado em 1947, no Rio de Janeiro.

No meio daquela barulhada de máquinas de escrever e campainhas, fiquei pensando se ele se sentiria como a sua personagem que, tendo entrado para o Serviço de uma Secretaria de Estado, perdeu a sua faculdade sobrenatural de fazer mágicas – a burocracia a havia aniquilado – e o coitado passou o resto da vida a se lastimar: “sem os antigos e miraculosos dons de mago, não posso abandonar a pior das profissões humanas”...



Acervo do escritor Murilo Rubião  
Centro de Estudos Literários da UFMG



Mas a jornalista afirma que, felizmente, a burocracia ainda não havia atuado sobre Murilo que estava anunciando para breve a publicação do livro *Os Dragões*.

Além de apresentar-se como Estado progressista, moderno, Minas Gerais também oferece ao escritor, como material a ser retrabalhado, as histórias de fantasmas das pequenas cidades do interior e as instigantes anedotas compartilhadas pelo homem simples. Transpostas para a escritura muriliana, esses enredos populares de base oral algumas vezes apresentam quadros de comportamento cômico e superficial diante de fatos absurdos do cotidiano, outras vezes acabam por revelar uma amarga ironia machadiana.

Em carta de Otto Lara Resende, do Rio de Janeiro, datada de 30 de setembro de 1948, o amigo analisa alguns contos de Rubião e assinala quão importante seria, para Murilo, desvencilhar-se das paisagens mineiras e ir viver fora do Estado. Otto Lara trata, com seu inconfundível sarcasmo, de uma gente mesquinha que vive entre as montanhas: “Você é o único mineiro fiel, o único cristão dessas montanhas que estrangulam a alma dessa gente mesquinha e fria, de coração de pedra num peito de gelo. Você pulsa de tristeza e desamparo, dói em mim, você me dói, meu velho Murilo, mas ainda bem.”

As narrativas históricas e ficcionais de Murilo deixam de ser escritas no dia 16 de setembro de 1991, quando o escritor morre, aos 75 anos, quatro dias antes da inauguração de uma exposição que estava sendo preparada para homenagear o autor e a sua obra, no Palácio das Artes, com vídeos, conferências e objetos artísticos.

O arquivo de Rubião pode funcionar como metáfora de sua própria escritura. O espaço literário de Murilo, norteado por constantes repetições e reescritas parece procurar encontrar algum sentido original, primeiro, alguma forma perfeita; dados que se sabe, de antemão, jamais alcançáveis. O marujo Murilo guiava sua arca-babélica com o mesmo olhar estrábico e acolhedor que visualizamos em algumas fotografias onde o autor aparece entre livros e amigos: ora demonstrando detida

atenção às particularidades do mundo prático e burocrático, ora deixando a imaginação boiar sobre mundos inventados. Sempre desconfiando, mineiramente, das opções fáceis, das fórmulas prontas; sempre aberto ao diálogo com ideias e sensações próprias a um território estrangeiro.

Esse princípio existencial e estético dissemina-se por todo o trabalho literário do autor. Nesse sentido, Murilo termina por atar, em seus contos, os fios da clareza do discurso narrativo com os da ilogicidade da temática narrada, como apontara o crítico Davi Arrigucci Júnior. Moldando sua produção artística com inegável maestria, o escritor abre frestas para percebermos melhor o que pode haver de invisível e de inventivo para além das fronteiras da sociedade do controle em que vivemos.

Por meio dos textos e hipertextos do site e da biblioteca muriliana, podemos conhecer singulares desdobramentos da vida do autor, seus momentos de conquistas e de perdas. Desvendando os espaços, encontramos um intelectual que acreditava nos jovens talentos e na tradição artística mineira, que esteve à frente do governo JK, em Minas, mas posteriormente passou por momentos de angústia frente ao descaso do Estado com a produção cultural. Percorrendo os ambientes reais e virtuais relacionados à vida e à obra do escritor, aproximamos-nos de um ator diferencial que, no início da carreira literária, passou anos sem que ninguém quisesse publicá-lo, mas como resposta criou o *Suplemento Literário* para publicar todos aqueles que tinham algo a dizer. Murilo foi um engenheiro-poeta que planejava infundáveis edifícios mesclando estruturas sólidas a planos oníricos. Foi um mágico da linguagem que gostava de viver só, em Belo Horizonte, mas sempre nos bares, cercado por amigos. Ao escrever, repetia, repetia, para se tornar cada vez mais surpreendente.

**RONIERE MENEZES**

É coordenador de Língua Portuguesa no CEFET-MG e doutor em Literatura Comparada pela UFMG.

# Carlos Martínez Rivas, a solidão como rebeldia

Regis Gonçalves

**D**esde a edição de sua primeira coletânea de poemas, *La insurrección solitaria* (1953) o poeta nicaraguense Carlos Martínez Rivas (1924–1998) recusou-se sistematicamente, até sua morte, a organizar um novo volume de sua produção poética (o único livro teve duas reedições, em 1973 e 1982).

No ano seguinte ao seu aparecimento, a obra foi saudada com entusiasmo por Octavio Paz, num texto em que o mexicano presta homenagem às novas vozes da poesia nicaraguense: “A poesia de Martínez Rivas é uma canção de esperança, uma canção do presente entre os tempos de antes e os que virão”. Paz chamava também atenção para a vitalidade e a originalidade da poética de Rivas e para a aspiração universal de seu canto.

Por conta de uma existência reclusa em seus últimos anos, da vida dissipada e boêmia da juventude, de sua dependência do álcool, Rivas tornou-se uma espécie de poeta maldito e inclassificável, condição já preconizada no título de seu único livro de versos. Era, contudo, um espírito cosmopolita e homem de grande erudição, que viveu em inúmeros países, onde estudou e serviu como diplomata.

A vitalidade de sua poesia provém tanto de sua originalidade quanto da exuberante tradição poética da Nicarágua, fundada e até hoje presidida por Rubén Darío, a quem Rivas chegou a ser comparado. A repercussão de sua obra, imensa por ocasião do aparecimento de *La insurrección solitaria*, sofre desde então o prejuízo de seu quase ineditismo, mesmo porque ainda não surgiu quem empreendesse uma reedição de seu único livro, esgotado há anos, e dos inéditos que deixou.

O grande poeta tem, com isso, confirmada a extrema solidão que cultivou como um traço vocacional de seu caráter. O poema aqui publicado é uma releitura metafórica da parábola bíblica homônima. E esta publicação uma tentativa de contribuir para resgatar seu autor de um tão injusto quanto cruel esquecimento.

**REGIS GONÇALVES**

É poeta, autor de *Queima de Arquivo*, *Opus Circus* e *Trama Tato Texto*.

# Las Vírgenes Prudentes

Ilustrações de Adriano de Faria

Carlos Martínez Rivas

Vendrá en la noche como ladrón

¿Quién es esa mujer que canta  
en la noche? ¿Quién llama a su hermana?  
De país en país, esa rapsoda que vuelva en el viento  
por encima del mar tenebroso donde culebrea el cielo?

¡Salidle al encuentro!  
Ella, la enamorada.  
Ella nada más, y su hermana.  
¿Ese viento que canta?

Es la voz del amor. La voz del deseo del amor que se alza  
en la noche alta.  
Sobre la potencia de la ciudad, esa voz que gira.  
Esa aria exquisita!

Sólo esa nota vibra en la noche helada.  
Esa arpa sola tañendo en la noche vasta.  
Ese único silbo penetrante de la pureza.  
Sólo esa serenata encantada.

Y el amor de las hermanas!  
De las estrellas protegiendo sus llamas  
para el Deseado que tarda.  
Nada sino eso: el cañaveral de las desposadas  
y la sombra alargada del Ladrón que escala.

Canta la noche y las llanuras solitarias  
sometidas al hechizo de la luna. Claras,  
vacías súbitamente al paso de las hermanas.  
Al paso de la bandada blanca de las vírgenes hermanas.

Las que se entregaron al amor.  
A quienes no se les concedió sino el amor.

Las Vírgenes Prudentes cuchicheando en la alcoba [estrellada.  
Bajando la voz y subiendo la llama.  
Cerrándose en medio de su sombra. Desapareciendo detrás

[de su lámpara.

Aquí sólo tienes abismo. Aquí sólo hay un punto fijo:  
el pábilo quieto ardiendo y el halo frío.

Aquí vas a rasgar el velo.  
Aquí vas a inventar el centro.  
Aquí vas a tocar el cuerpo  
Como toca un ciego el sueño.

Aquí podrás soplar y apagar tu secreto.  
Aquí ya podrás quedarte muerto.

# As Virgens Prudentes

Carlos Martínez Rivas • Tradução e nota: Regis Gonçalves

Virá na noite como um ladrão

Quem é essa mulher que canta  
na noite? Quem chama a sua irmã?  
De país em país essa rapsoda que regressa no vento  
acima do mar tenebroso onde serpenteia o céu?

Sai ao encontro!  
Ela, a enamorada.  
Ela nada mais, e sua irmã.  
Esse vento que canta?

É a voz do amor. A voz do desejo do amor que se eleva  
na noite alta.  
Sobre a potência da cidade, essa voz que rotopia.  
Essa ária preciosa!

Somente essa nota vibra na noite gelada.  
Essa harpa solitária tangendo na vastidão da noite.  
Esse único assobio penetrante da pureza.  
Somente essa serenata encantada.

E o amor das irmãs!  
Das estrelas protegendo suas chamadas  
para o Desejado que tarda.  
Nada senão isso: o canavial das desposadas  
e a sombra alongada do Ladrão que escala.

Canta a noite e as planícies solitárias  
submetidas ao feitiço da lua. Claras,  
subitamente vazias ao passo das irmãs.  
Ao passo da branca revoada das virgens irmãs.

As que se entregaram ao amor.  
A quem não se concedeu senão o amor.

As Virgens Prudentes murmurando na alcova [estrelada].  
Baixando a voz e alimentando a chama.  
Fechando-se em meio a sua sombra. Desaparecendo atrás  
[de seu lume.

Aqui somente tens abismo. Aqui só há um ponto fixo:  
o pavio quieto ardendo e o halo frio.

Aqui vais rasgar o véu.  
Aqui vais inventar o centro.  
Aqui vais tocar o corpo  
como um cego apalpa o sonho.

Aqui poderás soprar e apagar teu segredo.  
Aqui já poderás deixar-te morto.

# O Coleccionador de Saudades

Conto de Mariana Portela

Ilustração de Isaura Pena



**E**u gostava mesmo de escrever em terceira pessoa. No entanto, tentei e foi um bocado frustrante. Acho que ainda trago a própria vida embutida no coração do pensamento. E isso passará, com o rebentar dos anos.

Chamava-me Manuel Leite de Barros. Tenho vinte e dois anos e decidi dar um fim a mim mesmo. E não, não cometerei suicídio. A morte não tocará meu corpo, embora eu vá matar a mim durante essas páginas. Porque estou farto de ser eu.

Desde miúdo sinto-me um estranho em casa. É tradição em minha família colecionar. Meu pai possui uma coleção de bulas de remédios. Obviamente, trata-se de um inveterado hipocondríaco. Ele cataloga todas as descrições medicamentosas em ordem alfabética, dividindo-as em doenças. E orgulha-se imenso de ter mais de dois mil papéis ordenados em uma pasta castanha.

Minha mãe desde sempre foi apaixonada por corujas. Para ela, mais que símbolo do saber, as corujas são as grandes amantes da noite. “Com certeza a sabedoria acontece na escuridão”, diz-me repetidas vezes. Hoje, sua coleção já transborda doze estantes e ultrapassa quinhentas réplicas de todos os formatos, regiões e cores.

Até mesmo uma prima minha que mora no Brasil é viciada em coleções. Ela armazena todas as palavras bonitas que lê nos jornais. Por dia são escritas em seu caderno cerca de cento e doze novas aquisições.

Duvidei de meus laços sanguíneos até amar pela única vez. Uma profética festa de Santo Antônio, no dia 12 de junho de 2003. Antes disso, não havia colecionado absolutamente nada.

Eu me encontrava ao pé do Beco do Vigário, em Alfama. A lua estava cheia e a embriaguez já começava a me cobrir de sorrisos tolos. Foi ali que avistei Carminho.

Maria do Carmo Pereira tinha acabado de completar seus dezenove anos. Era irmã de um conhecido meu. Eu havia sido apresentado a ela quando éramos crianças. Passamos dez anos sem nos cruzar – mesmo sendo Lisboa uma cidade minúscula.

O velho clichê do amor instantâneo fez de mim sua vítima. Passamos a madrugada toda a conversar. Acolhidos pelo miradouro secreto, atrás da igreja de Santo Estevão. Só nos permitimos partir quando a manhã nasceu quente e o Tejo inundava-se em raios de ilusória pureza.

Foi assim que comecei a colecionar. A colecionar Carminho. Seus gestos, sua timidez. Cada partícula de sua alma. Apreendi sessenta e três olhares, cento e quarenta e sete sorrisos, vinte e seis jeitos dela prender os cabelos e duzentos e oito beijos. Superando toda e qualquer dicotomia sujeito-objeto, eu era capaz de colar minha visão ao seu rosto. Um ser indissolúvel, apartado em dois corpos.

Nada necessitava de catálogo. Ficava tudo cravado em minha memória. Nas horas em que não a via, brincava de contar minha suntuosa coleção. Ao final, sentia-me verdadeiramente um Leite de Barros.

Contudo, nossa relação teve um prematuro fim. No dia 14 de julho de 2004, ao sair apressada da Estação Cais do Sodré para me encontrar,

Carminho foi atropelada por um elétrico. Seus ossos frágeis não resistiram às feridas e, algum tempo depois, ela faleceu no hospital.

Eu não me conformei com a perda. E, para não deixá-la morrer em mim, passei a colecionar saudades. Todos os dias, religiosamente, dava corda nos seus beijos, nos seus olhares, nos seus cabelos.

Algumas semanas após o seu enterro, decidi deixar Lisboa e a minha família. “Porque me sabia bem sentir saudades deles todos”. O afastamento seria imprescindível para aumentar minha coleção.

Pedi transferência do meu estágio para Viseu, onde meus pais tinham uma propriedade vazia. Por longos seis meses, pude beber da minha nostalgia. Enxertava a pele em fotográficos ensaios. Alimentava a melancolia com curtas metragens daqueles que eu amava. E todos os sofrimentos eram apaziguados.

Cometi, todavia, um erro fatal. Posicionei Chronos em cumplicidade. E ele é um assassino silencioso. Porque a saudade – ao contrário do que dizem os fadistas – é inimiga das horas. É brutalmente borrada no tempo.

Na manhã de hoje, fui incapaz de reviver um dos beijos de Carminho. Espremi os olhos e não o achei. Rebobinei-me todo e havia desaparecido. A sofreguidão em resgatá-lo deixou-me ainda mais confuso. Eu me traí, sepultando minha doce reminiscência. Agora, estou à deriva. Só enxergo nebulosas. Destroços. Lábios partidos ao meio.

Hoje fui deitado fora. Como me dói, meu Deus! Como me dói essa saudade que sinto das minhas saudades colecionadas! Antagônico, o esquecimento enjaula-me à lembrança. Ninguém ensinou a mim que as coleções devem ficar cobertas de pó. Encostadas em prateleiras. Presas em vidros de éter.

O amor não é encarcerado nem posto em conserva. Mesmo o maior dos amores pode nublar. Paulatinamente, por inércia, cautela em demasia ou escolha, todo amor é passível de fenecer. E a saudade, pela sutil vingança do tempo, não é colecionável.

Digo adeus a mim neste momento porque vou me mudar. Levo meu espírito para abrigar outra identidade. Crio um semi-heterônimo. Sem passado algum. Colecionarei saudades de mim mesmo, enquanto me for permitido. Avisto virgens futuros para o meu efêmero ser. Se, por ironia, apagar também essa saudade, não há problema. Eu já não me serei.

**MARIANA PORTELA**

Nasceu em São Paulo, capital, e é filha de dois jornalistas e escritores. Estudou Psicologia e está iniciando na literatura.

# Poemas de Ademir Assunção

## Bang bang no sábado à noite

um olho dois olhos um eco  
um estampido morcego  
estranho tiroteio de cego

garrafas estilhaçadas no saloon  
caubóis saltando de lugar nenhum

balas chegando em câmera lenta  
perfurando vísceras sem pedir licença

alguém vai tombar atrás do balcão  
outro no banheiro não passa do chão

a face caída na poça de mijo  
o jorro de sangue na testa um nojo

maluco faroeste ao vivo e a cores  
sábado que vem num mocó da Travessa das Dores

leve a namorada e não esqueça das flores

## A noite das bruxas

agora o espelho reflete nada, corujas  
chiam na noite nenhuma, vozes distantes  
ecoam na praia, navios fantasmas  
deslizam na bruma, agora escuto  
os blues das baleias, asas negras voam  
bem longe, o mar bravio espanca as  
escarpas, cavalos escapam do curral  
das sereias, agora todas as tevês  
estão desligadas, o céu cobriu-se com  
um manto de nuvens, corsários  
atracam no cais tenebroso, cachorros  
malucos uivam pra lua, agora rolam  
cabeças no morro, piratas atacam  
sem dó nem piedade, todas as leis  
estão revogadas, não resta nem sombra  
da triste cidade

# O triunfo do General Mandíbula

faca entre os dentes, trinados  
de gralhas nos ouvidos, mergulho  
no rio dos sonhos, desço ao mundo  
dos mortos, pirata na proa  
do navio fantasma, golfinhos  
saltando no mar revolto, demônio  
vestido com roupas de fada, buraco  
esculpido na cama de ozônio, ninguém  
responde ao chamado, vozes  
estranhas na secretária eletrônica,  
a agência do bradesco arde  
em chamas, punks desfilam nas ruas  
de copacabana, o caos ecoa nas ruínas,  
escuras esquinas do inferno, pompéia,  
são paulo, istambul, atenas, a moda  
do outono é a decadência do inverno,  
dizem que os profetas só predizem  
desastinos, pássaros tenebrosos nublam  
presságios, o cacto rubro desconhece  
a flor do destino, é no silêncio  
que os banqueiros multiplicam seus  
ágios, quebram-se dentes, racham  
mandíbulas, ossos estalam nas tumbas,  
o vento varre os edifícios da cidade,  
baleias destroçam submarinos, bruxos  
eslavos rasuram signos mágicos, otários  
neochics imitam macacos, cadelas  
burguesas tomam no rabo, hackers  
detonam a musa da TV a cabo, nada faz  
sentido nessa névoa de bosta, lama  
espessa subindo dos pés ao pescoço,  
caronte enlouquecido brandindo  
seus remos, vermes homicidas à espera  
do almoço

## Flash

ilhas, ilíadas, olhares,  
vozes no murmúrio macio

das madrugadas, passos  
na areia do tempo, pessoas

que se cansam de cruzar  
os desertos, ou desistem

de acender seus incensos

quando palavras não dizem  
mais nada

e tudo o que resta é uma ode ao silêncio

# Homeless rezando debaixo da marquise

não venha Velha Tristeza, não venha  
cobrir-me com seu escuro vestido de veludo  
azul, não venha  
apagar as estrelas que ainda cintilam  
no Céu do Abandono, não venha

que veneno corre no sangue?  
que sol opaco é este  
que trinca icebergs com dentes de nicotina?

não venha Velha Tristeza, não venha  
com suas doses baratas de conhaque  
com suas palavras cheias de armadilhas  
com seu olhar paralisante, pequeno demônio  
girando no centro de uma galáxia catatônica

já quebrei todos os espelhos, já soltei  
os leopardos, já tentei dormir debaixo  
dessas nuvens carregadas

não venha Velha Tristeza, estou avisando  
não venha

### ADEMIR ASSUNÇÃO

É poeta, letrista de música e jornalista. Publicou *LSD Nô*, *Zona Branca*, *Adorável Criatura Frankenstein* e *A Musa Chapada*, entre outros. Tem poemas musicados e gravados por Itamar Assumpção, Edvaldo Santana, Madan e Ney Matogrosso. É um dos editores da revista literária Coyote.

**D** *Diário de Fernando* ( Ed. Rocco, 2009) oferece ao leitor quase trezentas páginas de uma narrativa tensa e fluente, em primeira pessoa, dividida em dez capítulos, cronologicamente organizados. Dão nome aos capítulos os cárceres nos quais Fernando e outros dominicanos (entre os quais Frei Betto – responsável pela ordenação literária do texto) ficaram presos entre 1969 e 1973. Ao DEOPS sucedem-se o presídio Tiradentes de São Paulo, vários quartéis e a prisão de Presidente Venceslau. Os quarenta anos que se passaram entre a prisão de Fernando e a publicação do livro deram tempo para que, através de abundantes e rigorosas notas de rodapé, os leitores fiquem sabendo do destino de muitas personagens e de outras versões de episódios que, no calor da hora, foram narrados com outras tintas.



Belo trabalho de garimpagem, na memória e em arquivos.

O texto é muito bonito, apesar de a história que ele conta ser feia e muito triste. Mas produzir beleza a partir da feiúra e da tristeza talvez seja exatamente o ofício do escritor, não é? O encarceramento de militantes políticos durante a ditadura militar brasileira já foi tema de muitos e muitos livros. Mas ainda restam – e sempre restarão- coisas que não foram ditas, sentimentos que não foram expressos, emoções que passaram em branco. Ou episódios, emoções e sentimentos que foram ditos de outro modo, e que encontram voz nova em novos livros. Como este *Diário de Fernando*.

O livro se inicia resgatando a trajetória de Fernando, que vai estudar em Belo Horizonte, saindo de Visconde do Rio Branco, cidadezinha mineira na qual o horizonte fechava-se na esquina. É nessa mudança que começa sua trajetória, de ateu a cristão, de cristão a frade dominicano e de dominicano a militante. Na raiz desse percurso, a força de um movimento meio esquecido pela, digamos, história oficial, a grande história que se ocupa do palco sem tempo para os bastidores. Foi a Juventude Estudantil Católica — a JEC — ala estudantil da Ação Católica, o instrumento da conversão de Fernando.

Assim, a militância política de Fernando tem matriz católica, o catolicismo renovado pela Doutrina Social da Igreja, difundido pelo jornal Brasil Urgente, de Fr. Carlos Josaphat. Mas sua militância tem também o lado laico, as aulas da Faculdade de Filosofia da USP, cenário de formação de vários dos movimentos de resistência que ao longo dos anos sessenta e setenta se bateram contra a ditadura militar.

Os originais de que nasce este *Diário de Fernando* têm sua história, contada por seu protagonista: As páginas deste diário saem em papel de seda enrolado em meio à carga da caneta BIC, de modo que se houver suspeita, ela escreve. E também em maços de cigarro abertos pelos fundos. Após colocar o canudinho de papel dentro do cigarro, cuida de tapar ambas as beiradas com fumo. Ou ainda o “cofre” deste diário – o interior de uma caneta BIC opaca – vazou e borrou três folhas. Estão perdidas.

A narrativa é filtrada pela memória e profundamente vincada pelo modo de produção do livro, escrito, desescrito e re-escrito muitas e muitas vezes, anotações feitas no calor da hora com um admirável senso de testemunho. Escrita da história por quem a vivia no dia-a-dia de um confinamento doloroso. História escrita por um escritor que conhecia a importância do que fazia: Prévio à mudança, queimei umas tantas folhas deste diário. Queimei-as com dor, raiva, num esforço supremo de desapego, consciente de que ali a história se fazia cinzas.

É nesses rápidos flashes da história dos originais da obra que se recupera a nunca suficientemente relatada precariedade da vida vivida por jovens brasileiros nas garras da ditadura militar. Ao lermos hoje esses livros, o mundo se afunda a nossos pés. Passado tão próximo, e por vezes tão esquecido. Provavelmente lemos este capítulo da história brasileira sentados no aconchego de nossas poltronas. Ou até nos solavancos da condução que nos leva daqui prali. Mas, ao guardar o livro na estante ou na bolsa, é bom não esquecermos a verdade incômoda que ele relata, verdade pela qual muitos pagaram muito caro, preço que hoje nos permite ler tais livros escancaradamente em casa ou na rua.

Mais do que outros livros, esta narrativa de Fernando traz, com a força da literatura, a dor e o sofrimento que, nem por virem pelas páginas de um livro, doem ou fazem sofrer menos. As passagens nas quais o livro melhor oferece a seus leitores a verdade sem retoques do regime militar brasileiro são, no entanto, passagens nas quais a tortura não aflora em cena aberta. São passagens em que o sofrimento se cifra em sensações fugidias: "Aqui o silêncio é quebrado apenas por um fio de música que brota do rádio do Ivo.(...) Ao longe, latidos de cães" (114–115) Ou então: "Ao cair da noite, ouve-se o ressoar dos pulos de quem faz ginástica na galeria superior; o ruído





prolongado da água correndo nos canos indica que alguém toma banho; com certeza muitos estão sentados lendo, escrevendo, outros deitados, sonhando. É o que fazem até retornarem à liberdade. Ou encontrarem a morte. Consideram o tempo de prisão um vácuo em suas existências. Aqui apenas esperam, estoicamente. Carne, osso, sangue e lágrimas se fundem com cimento e ferros."

O leitor talvez estremeça.

Pois, mais uma vez, vivencia o mistério da literatura, esta arte que transforma as palavras de todo dia em testemunho do mais humano da humanidade, de nossa incrível capacidade de sobrevivência. Na coragem de nos reconhecemos humanos e mais fortes do que o infortúnio, na surpresa de encontrarmos o horror filtrado em sensações, transcrito na materialidade dura dos substantivos desadjetivados: carne, osso, sangue, lágrimas, cimento e ferros.

É também na concisão com que o narrador relata seus terrores que eles se tornam mais pungentes. Separado dos companheiros – espalhados todos por diferentes celas de diferentes presídios — o narrador é presa de seus infernos interiores, nos quais sua imaginação desdobrava-se em cenários alucinantes. Pesadelos, alucinações, tremores. Onde a realidade? Onde a fantasia? São assim sóbrias e contidas as passagens de natureza mais confessional do livro. O narrador sinaliza seus infernos, e cabe à imaginação do leitor detalhá-los ou não, chegando menos ou mais perto das margens abissais da condição humana.

Contrabalançando essa sábia sobriedade, o livro é generoso na transcrição de documentos, cartas, matérias de jornal que se entrelaçam ao texto. Nesses entremeios, episódios relacionados a presos comuns lançam luz sobre a vida no cárcere, quando os encarcerados não têm voz que os narre. Destaque aqui para a sensacional leitura feita por um preso, da cena bíblica do encontro de Jesus menino com os Doutores do Templo.

Assim, da longínqua condição de manuscritos engenhosamente ocultos no ventre de canetas BIC, nasce este diário. A capa do livro reproduz um manuscrito manchado de sangue, fundo do qual se destaca em letras vermelhas e negras: *Diário de Fernando* e o sub título *Nos cárceres da ditadura militar brasileira*. Mais abaixo, a capa registra o autor do texto como Frei Betto. A instigante contradição entre o título e a autoria se dissipa já na orelha do livro, que informa: o relato mereceu de Frei Betto tratamento literário. E, no verso da folha de rosto, vem o registro da dupla autoria: copyright@ by Frei Betto e Frei Fernando de Brito.

**MARISA LAJOLO**

É mestra em Letras, Teoria Literária e Literatura Comparada pelo USP. Em 2009, foi vencedora do Prêmio Jabuti na categoria Teoria/ Crítica Literária.

Livros como touros  
em cena:

Livros como gotas  
no vidro:

Livros como dentes  
no sangue:

Livros como beijos  
de urânio:

Livros como rosas  
perdidas:

Livros como lenha  
de seiva:

Livros como carros  
sem rota:

Livros como senhas  
em versos:

Livros como circos  
senis:

Livros como vinhos  
e porcos:

Livros como almas  
infláveis:

Livros como pele  
de homens:

Livros como dias  
inteiros:

Livros como peso  
e ranhura:

Livros como olhos  
inversos:

Livros como carne  
estirpada:

Livros como ritos  
noturnos:

Livros como rios  
vermelhos:

Livros como poucos  
invernos:

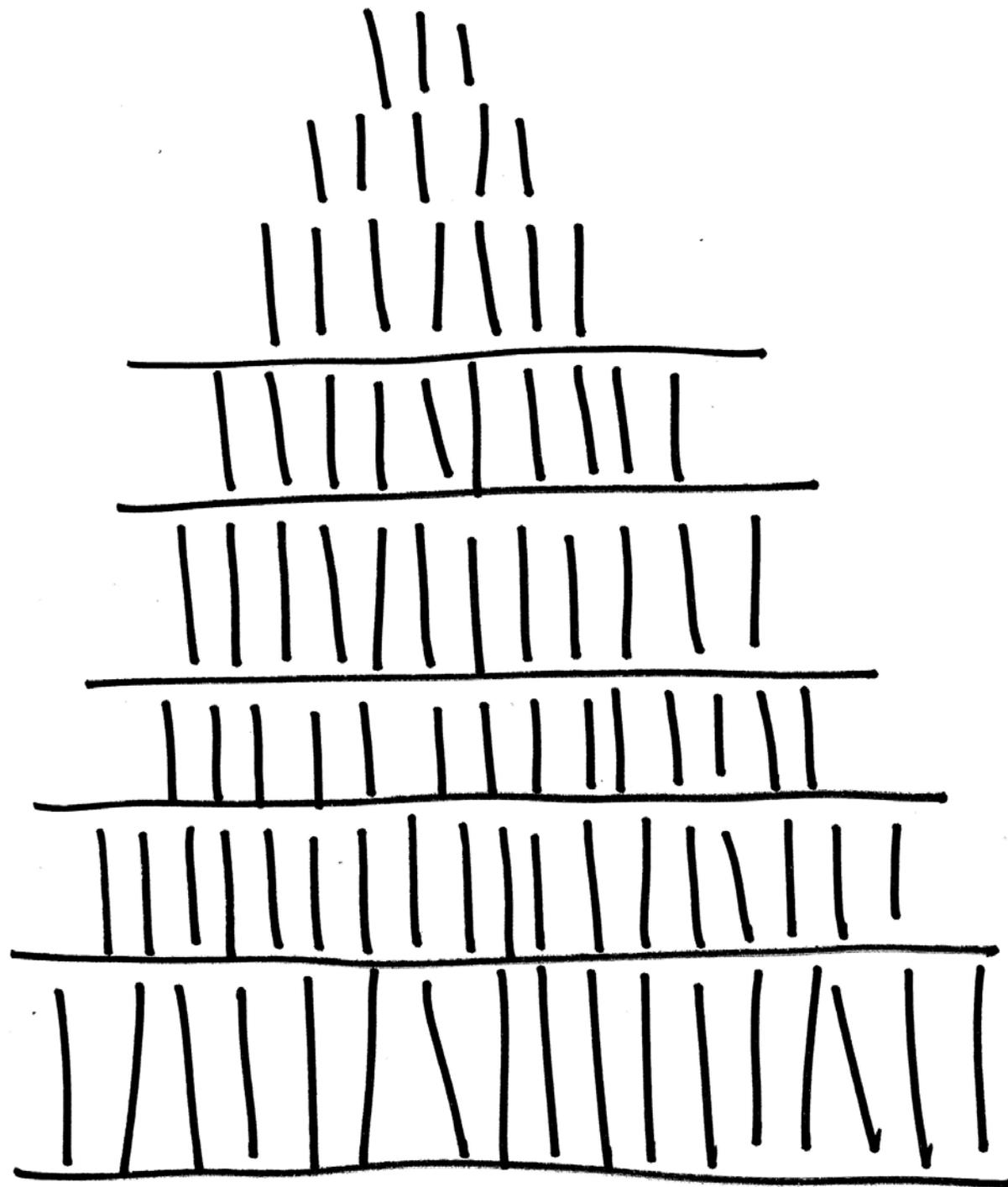
Livros como cordas  
e pulsos:

Livros como nozes  
e lixo:

Livros como ordens  
de pluma:

Livros como muros  
de nuvem:

Livros como portas  
cerradas.



# BABEL

Maurício Guilherme Silva Jr.

# As três moças do sabonete Araxá

*“Que outros, não eu, a pedra cortem  
Para brutais vos adorarem,  
Ó brancaranas azedas,  
Mulatas cor da lua vêm saindo cor de prata  
Ou celestes africanas:  
Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres  
Do sabonete Araxá!”*

Manuel Bandeira

Conto de Lázaro Barreto

**N**aquele tempo eu frequentava a agência local do Banco da Lavoura para verificar o andamento dos financiamentos de eletrificação rural, projetados e orçados no escritório eletricitário em que trabalhava. Lilina, a moça que me atendia no balcão, estremeia minhas articulações quando levantava da cadeira e andava na espaçosa sala, jogando nas pernas o balanço do corpo repleto de lábios e de olhos sorridentes. Solícita, protocolava a documentação, proferia algumas palavras burocráticas, imbuída de certa neutralidade encantadora e gentil, acrescida do beneplácito das boas maneiras. Eu regressava ao escritório trazendo nos olhos o olhar dela, um fulgor discreto de macia incisão, reprisando nos ares a magnética imagem ereta e curvada, a abrir e fechar pastas de papelada junto aos verdes arquivos de aço. E assim, chegando do impasse, sem me conter, eu tinha que prosear intimamente, versificando mentalmente:

AS TRES MOCAS  
 AS TRES MOCAS DO  
 AS TRES MOCAS DO  
 ADELINA / CEDALINA / ALINA  
 CONSIDERAMOS NA SEQUENCIA DO  
 ASSIM PERDEMOS A SEQUENCIA DO  
 MERGULHO E DO VOO...

ADELINA / ADALINA / CEDALINA e do  
 ASSIM PERDEMOS A  
 SEQUENCIA DO MERGULHO E  
 DO VOO...

Assim perdemos a sequência do  
 mergulho e do voo...



$$\begin{aligned}
 212 \quad & \sqrt{18a^5b^3} + \sqrt{50a^3b^3} = \sqrt{3 \times 9 \times a^4 \times a \times b^2} + \sqrt{2 \times 25 \times a^2 \times a \times b^2} \\
 & + \sqrt{2 \times 25 \times a^2 \times a \times b^2} = 3a^2b\sqrt{2ab} + 5ab\sqrt{2ab} = 3abc^2 \\
 & = (3a^2b + 5ab)\sqrt{2ab} = ab(3a + 5)\sqrt{2ab} = \sqrt{9a^2b^2c^4}
 \end{aligned}$$

Os clientes aflitos debruçam no balcão do reduto burocrático da agência bancária: seguem a faina dos funcionários no manuseio dos papéis que controlam as ações humanas. Lá fora um sol de arrebentar mamonas derrete o tédio dos postes e das calçadas, o suor expele o estado de espírito dos operários, agora vergados nos canteiros de obras públicas. Aqui dentro (onde as roupas são as pessoas?) ouço o tinir inaudível das moedas desvalidas e sinto o cheiro das cédulas novinhas em folha (se a inflação solta os ratos no paiol não há correção monetária que aguento). Assim, aos pressurosos zumbidos dos ventiladores, um dos cifrões desaparece na abertura da janela e de repente a máquina de escrever para de escrever: o que há?! Os andares de cima, do prédio, pegaram fogo? Os bárbaros invadiram a Europa novamente decrépita? O infarto fulminou o déspota de uma das máfias? Ou foi a moeda que readquiriu seu valor inerente? Nada disso, ó correntista insolvente! O que foi que aconteceu é que a moça mais brilhante, a que batia as teclas dos juroscorchantes, empertigou-se belíssima entre as mesas (a procura de um cadastro, de uma minuta de ofício?), ela mesma, sim, ensimesmada, julgando talvez que ninguém a vê, ela coça a seda mais íntima (o hiato de arco-íris de uma licença poética?), ela coça a parte mais íntima da extrema formosura, sim! Assim ela anda mais um pouco em si mesma, a imprimir novo ritmo ao movimento bancário, a citar, sem lembrar e sem prever, a palavra amor nos mínimos detalhes... Minutos depois ela volta dos verdes armários, como se fosse um luar numa tarde de verão. Olha-me sem querer e sem saber que é a ideia mais feliz de um corpo humano, a imagem que inventa a forma de dizer que a felicidade na terra nada tem a ver com a dinheirama da despesa e da receita.



Tempos depois eu frequentava as aulas noturnas do Colégio Leão XIII, cursando o último ano do Científico. O alunado era dispersivo e heterogêneo, enchia a sala imensa do vozerio, da dissonância e da trapalhada. A gente aprendia pouco, mas se divertia muito. De minha parte, o aproveitamento era o melhor possível, pois flertava a moça mais bonita da sala, uma de nome Adelina, que tinha os olhos na privilegiada voltagem do iluminamento refinado. Dava a impressão que se a luz elétrica fosse embora ninguém na sala ia sentir falta: a luz daquele olhar ali estava para não deixar ninguém no escuro. Era ativa e sensata, de poucas palavras e de muitos olhares. Exercia uma bela liderança moral no pequeno mundo de nosso colégio, um fascínio que me engrandecia na auto-estima dos sentidos inebriados. E sem saber se merecia a especial contemplação, mais uma vez, sem me conter, cometia os pecadinhos da prosódia versátil, escrevendo na lousa de minha fixação:

Da terra do Egito chamei teus olhos cintilantes  
e logo acorreram-me os pássaros do belo prazer,  
os múltiplos pássaros saltitantes,  
pousados e voados na relva e no ar  
das folhagens noturnas das aulas do amor.  
De qual deles seria o olhar que me namora de escanteio  
nos confusos enredos de nossos contos? Eu perguntava.  
: — Do beija-flor, que é o menor de todos e paira, reverente,  
sobre a carnação perfumada da mais nítida maravilha?  
: — Do pássaro-lira, que mede um metro, da cauda à ponta do bico?  
: — Da rolinha a cantar o fogo que apagou na palhada?  
: — Da seriema a desdobrar a invernoada em verões e primaveras?  
: — Da juriti (mas ela tem sardas e clitóris?)?  
: — Da tesourinha (a cauda é longa e bifurcada  
mas não tem os grandes lábios de mel,  
nem umas pernas de seda e pérola  
acima do bem e do mal)?  
: — Serão do melro, do pintassilgo, do canarinho?  
Sabia que aqueles olhos eram de uma ave da ordem dos passeriformes,  
que me brindavam, esmirrado na dialética da ontologia.  
: — Seriam os olhos do pavó, que tem uma nódoa sanguínea  
no peito? Ou de outro que a ciência e a poesia ainda  
ignoram, sempre distanciados e só agora aproximados?  
Assim a aula prolongava, eu revia a saracura  
de olhar estatelado  
em seu engravetado ninho de tigela aérea. O que fazer?  
A noite do desterro voava dentro de minhas ruínas imaturas,  
mas os olhos dela, de pássara indefinida,  
abençoavam minha fixidez na outra extremidade,  
no ponto de vista e de apoio,  
no ponto e vírgula da mais alentada juventude.

Tempos depois eu era enrolado na vida como bobina de condutores elétricos. Tinha uma namorada em cada bairro e outra em cada localidade vizinha, de forma que tinha o tempo todo tomado, o tempo da fogosa e inquieta juventude. Namorar e divertir eram a mesma aventura: chegar como água e sair como vento, praticando juvenilmente a licença poética de Garcia Lorca. Eu era arrimo de família e não podia dar-me ao luxo de assumir compromissos de noivado e de casamento – então me esparramava levianamente.

Numa das noites juninas daqueles anos, sem derrapar nas chamadas curvas perigosas do amor, atravessei a linha férrea, entrei no trecho ramificado do terreno baldio, já ouvindo o canto romântico dos caipiras e seresteiros a perfumar a caminhada, com as flores da harmonia simples e o primado melódico do ritmo repensado: “na farinha lá na casa do Teixeira/ namorei uma morena/ nunca vi tão feiticeira”. Quando vi, ao despetalar os sons da canção brejeira, estava no meio das barracas juninas de uma rua curta, que ia da linha férrea ao rio das itapecericas. Ela a Cedalina das quenturas arrebatadas, já me esperava, meiga e propensa, morena aveludada em suas perolas e desejos a brilharem nos dentes sequiosos. Queria beijá-la logo, mas não ali no meio das pessoas. Fomos à beira do rio e custamos a encontrar um lugar reservado, despovoado de outros pares de namoradores. Mas quando a sugava de tal maneira que quase arrancava suas entranhas pela boca, aí a dupla caipira, Tibaji e Miltinho, cantava: “Deus, meu Deus, traga pra junto de mim/ esse alguém que me faz chorar”, entrelaçando na memória o caudal emotivo do beijo melódico. Quando, minutos depois, Sérgio Reis substituía a dupla caipira no amplificador de som, com as palavras “se você pensa que meu coração é de papel/ não vai pensando porque não é”, sentimos, eu e ela, que do mato vinha um cochicho e um fluido, que nada mais era do que o tremido emocional de uma vara verde, diante de nosso abrasado amor. Quando outra música (“perto de ti me calo/ tudo penso, nada falo”) já se diluía na folhagem que o vento do rio acenava como mãos e lenços de despedida, então, aos beijos e abraços, entramos no círculo verde da solidão propiciatória, na redoma inviolável da fusão acalentada. Nem vimos o bando de rapazes e moças aos risos e aplausos. As gotas de luz escapavam dos dedos dela e de meus olhos. E ela escapou-me dos braços e das mãos e nunca mais foi encontrada em sua intimidade. Assim perdemos a sequência do mergulho e do voo. Mas o sonho aperfeiçoa a beleza que não se esgota. Que ressoa e transborda, profusamente adjetivada.

**LÁZARO BARRETO**

Mineiro de Divinópolis, é contista, poeta e autor de livros de pesquisas históricas e genealógicas.

# O ETERNO RENO

José Luiz Foureaux

O título deste texto pode levar o seu leitor a um equívoco. Trata-se de um equívoco em nada grave e absolutamente saudável, para o exercício da leitura: aventura mais que agradável para quem a ela se dedica. Este equívoco se deve ao fato de que o meu objetivo é apresentar um quadro geral da ficção de Embla Rhodes, jovem escritor da “Manchester” mineira, que vai publicar em breve seu quarto romance: *A farofa das Ides*. Logo, logo, explico um pouco mais o porquê do equívoco, aqui mencionado. Antes, quero falar um pouco sobre casualidade. Sim, a casualidade que faz as pessoas experimentarem coisas inesperadas, fazer coisas insuspeitadas, manter-se informado sobre assuntos nunca antes pensados e mais, e mais.

O meu contato com Embla Rhodes segue o enredo destas casualidades. Sendo absolutamente sincero, não me recordo como foi o nosso primeiro contato. Ainda não nos encontramos pessoalmente, já nos falamos por telefone, e sempre nos escrevemos. Se estas não são oportunidades/situações para se conhecer uma pessoa, então não sei que nome dar... As facilidades da comunicação eletrônica fizeram com que eu, de certa forma, e em certa medida, tenha exercido um certo “domínio” sobre a obra deste escritor. Praticando um dos princípios operacionais da estética da recepção, tento, a cada livro que dele leio, visualizar o horizonte de expectativas, meu e da obra, estabelecendo um circuito de ideia, o que faz valorizar mais a obra que vai se consolidando a cada título. De maneira sucinta, pretendo, aqui, fazer uma apresentação mais ampla desta obra, com o intuito de, simultaneamente, incentivá-la, em sua continuidade e divulgá-la. Creio que esta é uma “obrigação” do leitor que, famigeradamente, é alcunhado com o epíteto de “preparado”.



Os dois livros já publicados *Aether* e *Viagem ao sol*, sem muito exagero, podem ser considerados “herdeiros” da tradição dos romances policiais, no contexto da Literatura Brasileira. Da

# RETORNO VADO

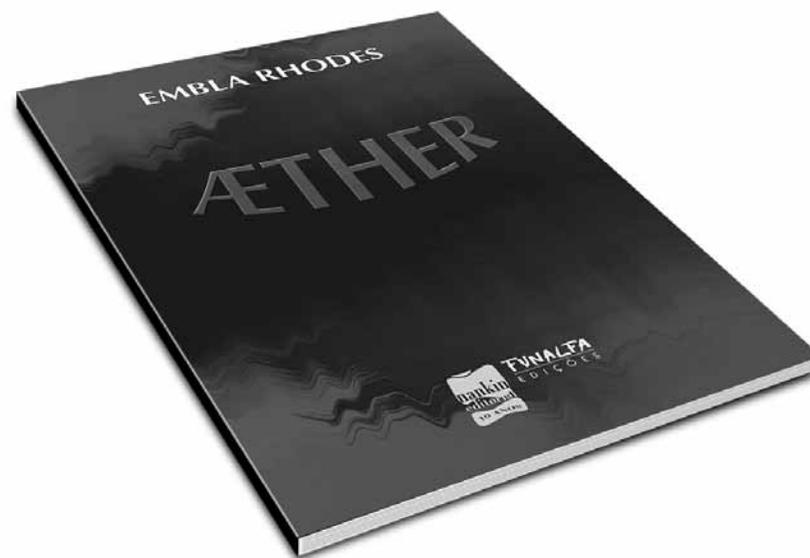
mesma forma o ainda inédito *Hiperburguesia*, um mundo cor-de-rosa. Quase não tenho dúvida quanto à manutenção desse estatuto, no que se refere a *A farofa das Ides*, também inédito. Em linhas gerais, o romance policial é um tipo de narrativa que expõe uma investigação fictícia, ou seja, a superação metódica de um enigma ou a identificação de um fato ou pessoa misteriosos. Toda a narrativa policial apresenta um crime e alguém disposto a desvendá-lo, porém nem toda a narrativa em que esses elementos estão presentes pode ser considerada policial. Isto porque além da necessidade de um crime, é preciso também uma forma de articular a narrativa, de estabelecer a relação do detetive com o crime e com a narração. É nesta “articulação” que a peculiaridade da escrita de Embla Rhodes ganha consistência. Ao saltar do âmbito mais “estrito” da narrativa policialesca, sua dicção ficcional é marcada por uma abordagem de aspectos sociais, familiares, íntimos, existenciais mesmo de cada personagem. Sempre me lembro de Luiz Alfredo Garcia-Roza: e não estou apenas tentando estabelecer um paralelo valorativo. Falo mais fundo, falo de afinidades eletivas... do leitor!

A figura do detetive na narrativa policial deu-se por acaso, numa história que não tinha esse cunho; trata-se de *Zadig*, o herói voltaireano, que, aproveitando-se de seus dons de observação no episódio do desaparecimento da cadela da rainha e do cavalo do rei, é acusado de saber do paradeiro dos animais reais, e escapa do exílio na Sibéria ao apresentar argumentos dotados de raciocínio lógico bastante convincente para provar ao júri que realmente não os vira, mas apenas seus rastros deixados pela estrada. Sua lógica pode ser apontada pelos historiadores do gênero policial, como a *avant-première* do espírito de observação que marca a persona do detetive – denominação genérica e comum. De novo, a particularidade do romance de Embla Rhodes encontra eco: a voz narrativa assume, em suas histórias, de certa forma, a responsabilidade de encenar o detetive. Ainda que possa ser identificada esta personagem, ao longo da trama. Na leitura que faço dos romances dele, sempre penso que esta perspectiva é muito evidente para ser deixada de lado.

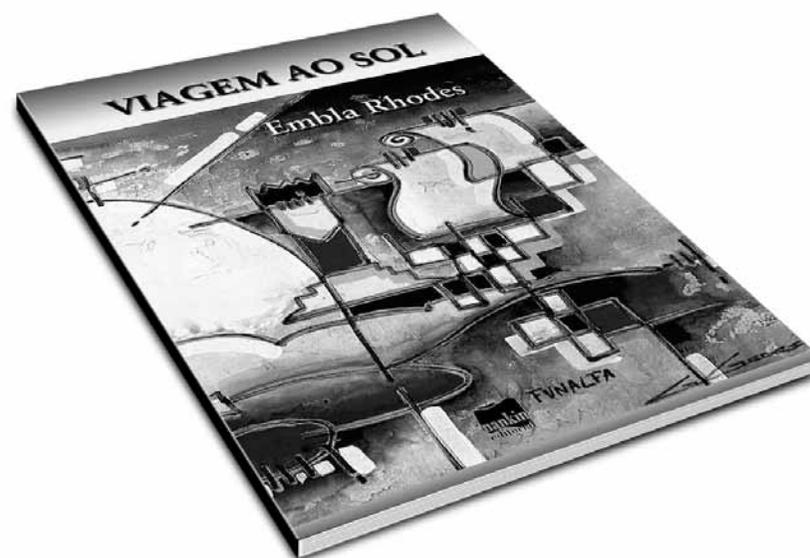
É fato que, tradicionalmente, a narrativa policiaesca tem como ponto de partida um enigma a ser desvendado. Não se pode negar o fato de que este gênero de narrativa oferece sempre duas histórias distintas: a do crime e a do inquérito, para usar de uma linguagem mais corriqueira. Nesta, pouca coisa acontece e os personagens encarregados da descoberta do criminoso, apenas observam e examinam os indícios deixados pelo assassino, não realizando nenhum tipo de ação fora dos limites da racionalização lógica. O relato da investigação geralmente fica a cargo de um companheiro do detetive. Nesse tipo de narrativa – ainda considerado o caráter “clássico” de sua possível tipificação –, o enredo se arma com base em cenas progressivas de suspense que desencadearão, ao final, na descoberta do criminoso. Durante a investigação, porém, nada que ponha em risco a integridade física do detetive poderá acontecer. Esta é uma das regras do gênero que postula a imunidade do detetive. Uma vez que os personagens nesse momento não agem, mas tiram conclusões sobre uma ação passada, a narrativa é elaborada em forma de memória, diminuindo, em princípio, as possibilidades do detetive ser atacado ou morrer no desenrolar da história. A estrutura básica de todo romance de enigma clássico requer essas características, em cada uma das histórias contadas. Estrutura esta que enfatizará, não o crime da primeira história, mas a forma de investigação do detetive sobre a ação passada e a forma de condução do inquérito da segunda história.

Mais uma vez, nota-se o traço particular da escrita de Embla Rhodes. A rasura que sua narrativa deixa na página “clássica” do romance policiaesca. Esta peculiaridade, a meu ver, se deve ao fato de que o autor mistura algumas variantes narrativas não encontradas no romance policial tradicional. Pelo menos, da maneira como estas mesmas variantes são tratadas aqui e lá. Refiro-me, especificamente, à intromissão do e no mundo acadêmico – como é o caso em *Aether* e *Viagem ao sol* – na mesma medida em que se pode percebê-lo, no que se refere à sociedade dita burguesa e familiar – no caso de *Hiperburguesia* e *A farofa das Ides*. Não se trata de alocar esses espaços como meros cenários narrativos em que a ação decorre. Sua “presença” constitui elemento orgânico do discurso narrativo, dado que elementos constitutivos de cada um desses estratos sociais é o elemento-chave para a elucidação dos crimes. Sim, dos crimes, no plural. Uma vez que não se trata apenas de romances “policiais” tout court, essa variante do gênero inova pela incorporação de universos, digamos, paralelos, na composição da cena narrativa. A maneira como o autor desenvolve os diálogos e a sua experiência pessoal, em alguns casos dão um sabor especial às histórias. Penso que este é um elemento determinante para a identidade própria da obra do escritor de Juiz de Fora.

É necessário fazer uma pequena digressão. Quando afirmo acima a interferência da “experiência pessoal” do escritor, na composição de sua trama e no desenvolvimento do discurso narrativo de sua ficção, não estou afirmando que se trata de um “romance policial autobiográfico”. Isso seria superficial e ingênuo demais. No entanto, com o contato



Aether – Embla Rhodes  
Nankin Editorial



Viagem ao Sol – Embla Rhodes  
Nankin Editorial

até agora mantido com o autor, posso afirmar que ele faz um exercício feliz de construção romanesca, utilizando como um de seus ingredientes principais a sua experiência pessoal: uma espécie de conhecimentos dos fatos (não ficcionais, evidentemente). Alguém poderia mencionar a fabulação, como termo a ser utilizado para identificar esse processo criativo. Considero redutor este termo. Por outro lado “autobiográfico” também não é um adjetivo adequado. O que quero dizer é que as obras de Embla Rhodes transcendem o mero traço autobiográfico, sem, no entanto “inventar”, no sentido mais fantasioso do termo, sobre eles. Lembro aqui o conceito aristotélico de verossimilhança, tão combatido, e, no entanto, tão “essencial” à arte narrativa. Em uma frase: é esta mesma verossimilhança que é celebrada pelo autor sem sua escrita, sem, no entanto provocar uma redução sem eu discurso. A narrativa de Embla Rhodes inova, portanto, nesse sentido.

Tal característica já se encontra em *Fugas e luxúria*. Livro de estreia, até onde eu sei, oferece ao leitor alguns elementos que serão retomados, retrabalhados e aprofundados nas obras subsequentes. Obra desigual – não se pode dizer que haja unidade temática e/ou estrutural entre os contos que o compõem – as histórias contadas já apontam para os universos ficcionais de predileção do autor. Com isso, não quero afirmar que a tal de “unidade temática” seja *conditio sine qua non* para uma valorização positiva de um livro de contos. Obviamente que não! No entanto, é necessário destacar a passagem que ocorre entre esse livro de estreia e o que segue. Principalmente pela criação de Augusto Steiner, um alter ego sedutor e trágico, convincente e instigante. Só lendo *Viagem ao sol* e *Aether* para se dar conta dessas características.

A natureza dos romances policiais está igualmente relacionada às funções da literatura de massa e às forças que operam sob a sociedade burguesa. Os problemas humanos e os crimes transformados em “mistérios” que possam ser solucionados representam uma tendência comportamental e ideológica típica do capitalismo. De novo, percebe-se que Embla Rhodes está bem “calçado”. Sua obra não apenas é herdeira desta tradição como dialoga com ela, atualizando assuntos, polemizando “tradições” e questionando “verdades” que antes eram tomadas como inofensíveis. É o que também se percebe quando se toma em consideração outra característica do gênero e origem. Ou seja, o fato de que o romance policial, também, demonstra que não pode haver crime perfeito, logo ilegalidade sem punição. Na ficção romanesca, não haveria lugar para a impunidade, já que a ordem social concebe o delito como uma anomalia, uma violação da lei. A principal função ideológica na literatura policial é a demonstração da estranheza do crime. Caracterizando o criminoso como um ser estranho à razão natural da ordem social, ela faz parte de uma pedagogia do poder que, através da diferenciação das citadas ilegalidades, define a delinquência. O criminoso, geralmente, é alguém que não se enquadra na ordem social, sendo por isto necessário identificá-lo e puni-lo. Com efeito, a narrativa policial segue uma ordem de descoberta, tendo como ponto de partida um fato extraordinário. Talvez fosse

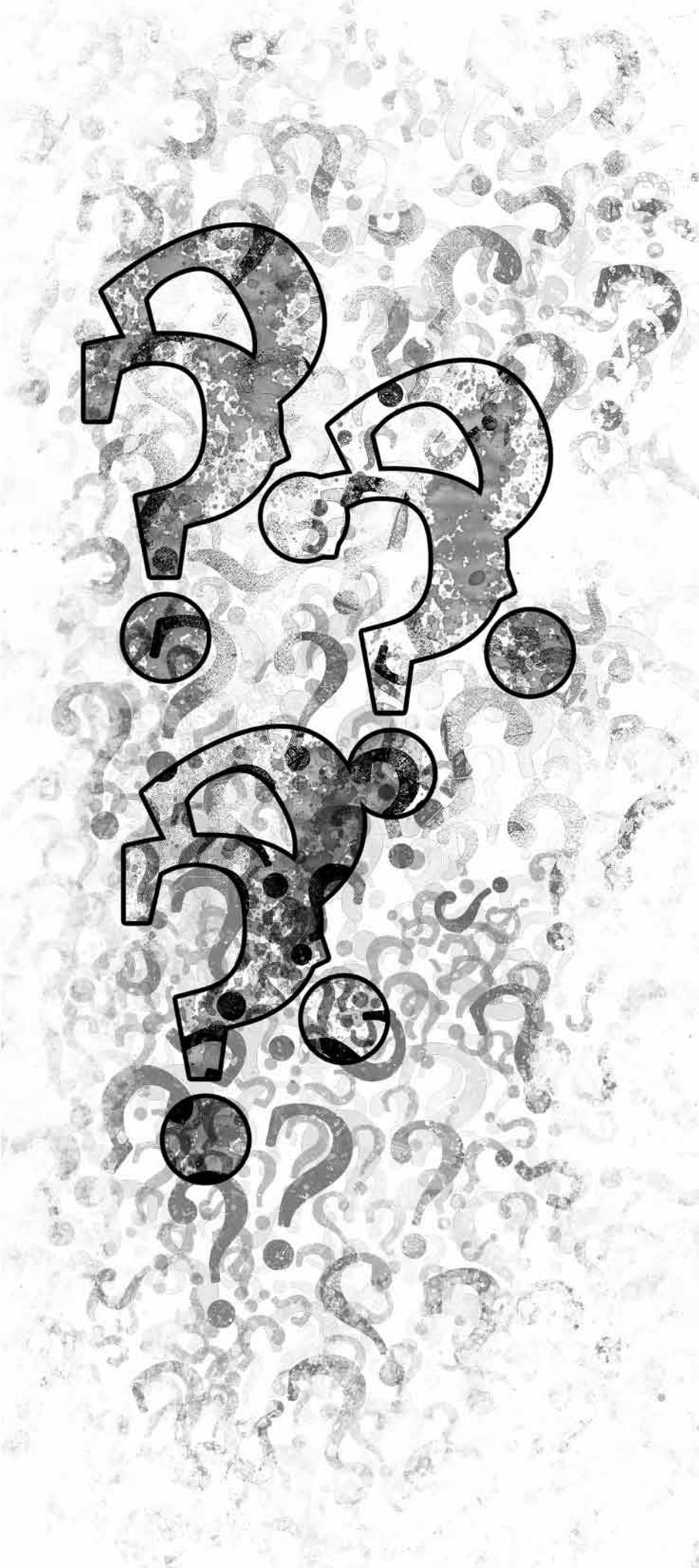
o caso de focar a leitura dos romances de Embla Rhodes, a partir desse axioma do gênero clássico policiaresco, e temperá-la com um pouco de malícia e boa dose de ironia, ainda que no mais das vezes implícita de suas narrativas.

O universo do romance policial é permeado por esses vários elementos: medo, mistério, investigação, curiosidade, assombro, inquietação, que são dosados de acordo com os autores e as épocas. Através da palavra, o medo se torna uma tortura da imaginação e estabelece uma relação poética entre narrador e leitor; o mundo é, dessa forma, uma fonte de inspiração literária, visto que, mistérios sempre existiram desde os primórdios da história da humanidade. A raiz metafísica deste gênero está na necessidade humana de eliminar a angústia e o sofrimento que nos domina enquanto não atingimos a compreensão de uma determinada situação de mistério. O temor diante do desconhecido e o espanto como resultado da resolução de um enigma são traços pertinentes à própria psicologia humana. Em toda investigação racionalmente conduzida, há, em germe, traços do romance policial. Tudo isso se aplica de maneira notável e admirável à narrativa de Embla Rhodes. Lembre-se, sempre, de que não se trata de romances policiais au pied de la lettre, como insisti em afirmá-lo. No entanto, faz jus a esta associação com a faceta tradicional do gênero narrativo a que inegavelmente se filia.

Com estratégias cada vez mais sofisticadas, o romance policial começa a apresentar charadas com o intuito de aumentar o interesse do leitor a partir do momento em que ele sente-se incapaz de desvendar o mistério sozinho. A partir daí, o romance policial começa a ser tratado como uma espécie de jogo. *Aether* e *Viagem ao sol* fazem isso no universo acadêmico da Física. Poder, sedução, reconhecimento, inveja e estratégia definem um curso narrativo que põe em questão tanto as “verdades” acadêmicas quanto as “verdades” existenciais das personagens. Em outro contexto, a sociedade como um todo, no caso de *Hiperburguesia*; ou em seus círculos mais “íntimos” ou nucleares, como a família em *A farofa das Ides*; desempenha esse mesmo papel de eixo de orientação de discussões subliminares que costumam a narrativa em suas reviravoltas aparentemente – e apenas assim – mirabolantes.



Recentemente escrevi para alguns editores, recomendando a obra de Embla Rhodes. A recomendação, neste caso, vale pela obra e seu autor, muito mais que pelo “quem recomenda”, é claro! Disse que conheço a obra desse escritor desde seu primeiro livro. Já colaborei com as orelhas de uma de suas edições. O fato de conhecê-lo só faz ratificar a opinião que tenho de sua obra. Diferentemente do que se poderia dizer de um autor “novo”, trata-se de talento praticamente lapidado, senhor de uma técnica narrativa cativante que consegue superar limites entre gêneros e temas, provocando o leitor à elaboração mental de discursos e imagens, sem se deixar enredar em esquemas mercadológicos e/ou de fácil sedução.



A herança “policial” de seus romances não fica a dever aos mestres do gênero, mas, de certa forma, os supera – como seria de esperar de um “discípulo” aplicado e talentoso. Mais uma vez, a escrita de Embla não pode ser reduzida a uma simples “aplicação” de princípios narrativos do romance policial. A atualidade dos temas enredados, a marca pessoal de suas personagens e a infinita capacidade da ficção de ajudar o leitor a construir seus mundos narrativos, enquanto lê, faz da obra de Embla Rhodes um “sopro de vida”. No que se convencionou chamar de “vida literária”.

Claro está que não se pode “afirmar” com certeza e segurança absolutas que um escritor está “pronto”. A discussão é longa. No entanto, a maturidade desse autor me assegura a convicção de que merece figurar no quadro de qualquer editora gabaritada. Prova disso é a diferença que se nota entre seu primeiro livro *Fugas e luxúria* e sua última obra, ainda inédita, *A farofa das Ides*. Este eu ainda não terminei de ler, mas já sinto a mesma “reação” antes experimentada. Profissional da escrita que é, o autor já teve uma de suas obras indicadas para o prêmio Nobel, o que não é pouco.

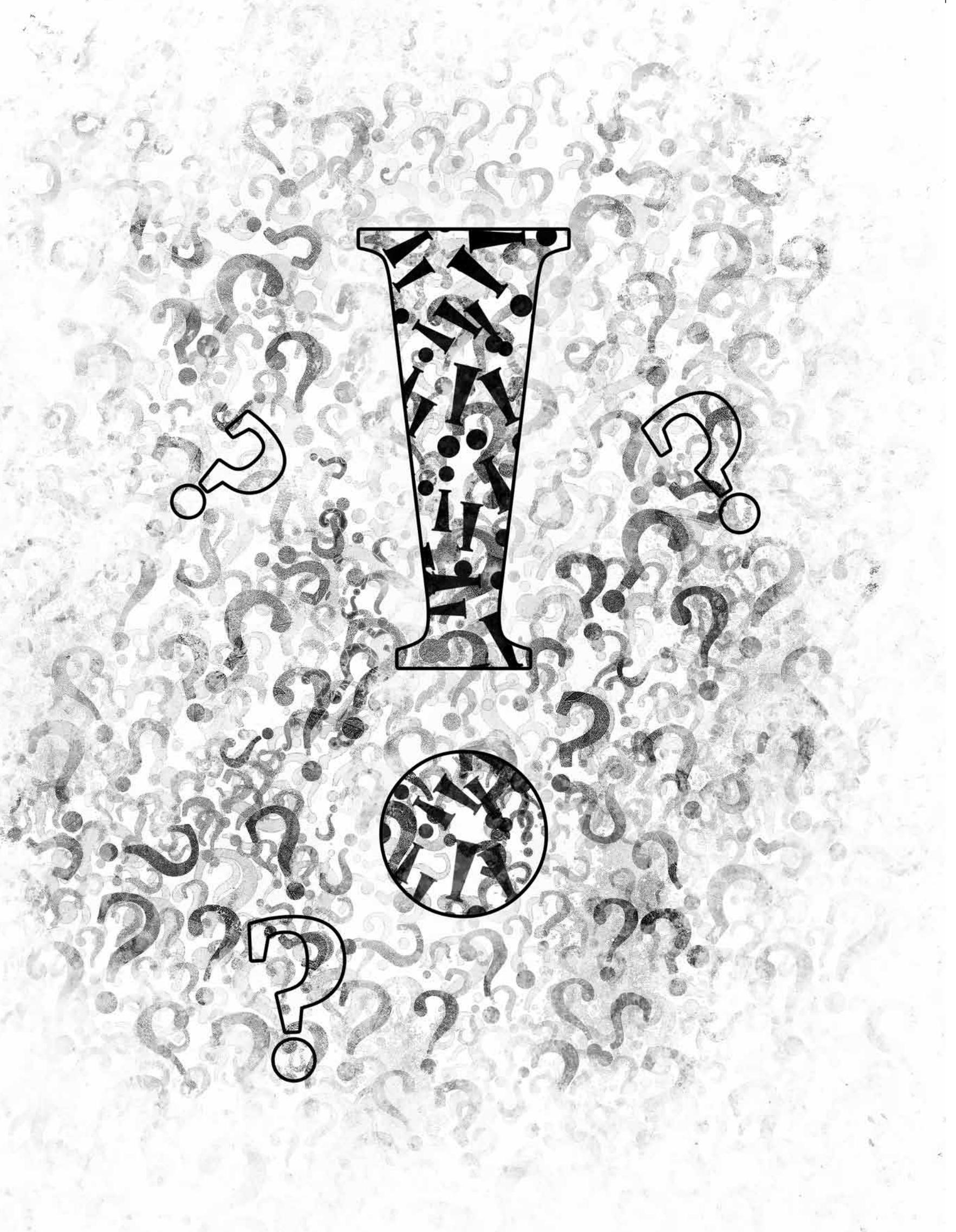
Como professor de Literatura Luso-Brasileira da Universidade Federal de Ouro Preto, atualmente trabalhando como professor visitante (Leitor de Português) na Universidade de Zagreb (Croácia), sinto-me suficientemente seguro e convicto para sustentar o que aqui vai escrito. Leitor e incentivador de Embla Rhodes a mim agradaria imensamente vê-lo ombrear nomes como Luiz Alfredo Garcia-Roza, Rubem Fonseca, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho, Wilson Bueno e outros, no quadro de uma editora conceituada. Neste sentido, o conjunto de obras de Embla Rhodes pode ser considerado um excelente cabedal narrativo, suficiente para colocá-lo “no circuito”, como se costuma dizer.

Uma nota, para terminar: todo romance, por mais que seu autor tenha desejado algo diferente, tem um “quê” de policial. A trama, a construção das personagens, o enredo, o jogo temporal – na sua inumerável gama de variações e facetas – coloca o autor numa posição de romancista policial. Por outro lado, coloca o leitor na posição de um detetive, à procura dos rastros, fragmentos, evidências... de sentido. Dizer que existe um único sentido não é mesmo um “crime”?!

**JOSÉ LUIZ FOUREAUX**

É Ph.D em Literatura. Professor de Literatura Luso-Brasileira da UFOP e Leitor de Português na Universidade de Zagreb (Croácia).

Ilustração de Jairo Souza



# Primeira aula de levitação

Antes que a minha vida se torne a tua  
A força que me comanda em tuas mãos  
Um pacto de catecismos e cataclismos  
Deve ser firmado na areia e então apagado  
Pelo mar que nos rodeia e nos persiste  
Para que a gente esqueça de uma vez o que era o mundo  
Antes que tudo comece ou termine  
Em fulgurações ou ossos a pino  
Constelações perdidas  
Olhos flutuantes  
Dentes e flores

---

Ronaldo Bressane

---

# Estratégia de marketing

Demarca território neste couro  
com os dentes escreve nome sobrenome  
vermelho roxo verde pro teu logo

Com as unhas anota instruções para este uso  
o que é teu embala com sangue suor saliva  
nesta página escande ou rasura a tua serifa

Demarca território neste couro  
só não repõe no mercado este produto  
– antes ruminado em fogo de marfim  
que reciclado em brechó ou camelô

Se der na telha, rasga, frita e come  
: só não o devolve nunca sem teu nome

**RONALDO BRESSANE**

Paulistano, escritor, jornalista e editor, é autor da trilogia de contos *A outra comédia* e dos poemas de *O impostor* e *Cada vez que ella dice X*.